



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rogério Carlos Vianna Coutinho


**O ensino de artes visuais e a formação de professores:
perspectivas e possibilidades**

São Gonçalo

2014

Rogério Carlos Vianna Coutinho

**O ensino de artes visuais e a formação de professores:
perspectivas e possibilidades**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de Artes Visuais e Formação de Professores.

Orientadora: Prof.^a Dra. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C871 Coutinho, Rogério Carlos Vianna.
O ensino de artes visuais e a formação de professores: perspectivas e possibilidades / Rogério Carlos Vianna Coutinho. – 2014.
76f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Helena Amaral da Fontoura.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Professores – Formação – Teses. 2. Arte – Estudo e ensino – Teses. I. Fontoura, Helena Amaral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 371.14

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rogério Carlos Vianna Coutinho

**O ensino de artes visuais e a formação de professores:
perspectivas e possibilidades**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de Artes Visuais e Formação de Professores.

Aprovada em 08 de abril de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Helena Amaral da Fontoura (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^a. Dra. Claudia de Oliveira Fernandes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^a. Dra. Tania Marta Costa Nhary
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^a. Dra. Gianine Maria de Souza Pierro (Suplente)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo

2014

DEDICATÓRIA

À minha esposa Ana Lúcia, à minha filha Ana Gabriela, ao meu filho Bernardo, meus grandes amores, companheiros e incentivadores desta caminhada, a luz de vocês ilumina o meu caminho de alegria e paz.

AGRADECIMENTOS

A toda a minha família, especialmente à minha querida sogra Maria Lúcia, pela força e o carinho de todas as horas.

Aos alunos do curso de Pedagogia FFP/UERJ que participaram desta pesquisa respondendo aos questionários.

À Banca Examinadora pelas observações e considerações de grande valia para o enriquecimento da dissertação.

Ao Centro Educacional de Niterói pelo aprendizado nestes 38 anos de docência que contribuíram para minha formação.

À Prof^ª. Dra. Helena Fontoura, minha orientadora, por acreditar em mim, pela paciência e incentivo, pelo carinho e auxílio na trajetória desta pesquisa.

Aos colegas da turma do Mestrado, pelas conversas e os momentos especiais.

Aos meus professores do Mestrado que também são meus colegas do DEDU, pelo incentivo e o compartilhamento dos saberes, com paciência e companheirismo.

Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É saber falar de si mesmo. É não ter medo dos próprios sentimentos.

Fernando Pessoa

RESUMO

COUTINHO, Rogério Carlos Vianna. *O ensino de artes visuais e a formação de professores: perspectivas e possibilidades*. 2014. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

O presente trabalho investiga a construção do olhar do aluno/professor diante da disciplina de Artes Visuais em sua formação frente à Arte através de um processo de compreensão crítica. Usa autores a partir da perspectiva das Artes Visuais, como Barbosa (1975), Lowenfeld (1977), Duarte Jr. (2012) e Iavelberg (2003), da Formação de Professores com Nóvoa (1991) e Tardif (2012), e sobre Experiência, com Larrosa (2001). A metodologia teve uma abordagem da pesquisa qualitativa desenvolvida através de questionários individuais com perguntas abertas e a investigação de imagens, como partes integrantes de uma análise crítica e construtiva de relatos que dialogam com a cultura visual. A pesquisa procura evidenciar que o desenvolvimento do ensino contemporâneo de artes visuais constitui-se como experiência docente que tem potencial para atuar positivamente na construção de conhecimento artístico na escola em consonância com a complexidade do mundo atual. A necessidade de tratar do tema arte se constituiu como uma possibilidade de um diálogo com as questões e preocupações que permeiam a contemporaneidade relacionada ao Ensino de Artes Visuais e à Formação do aluno/professor. Os resultados apresentam a importância da disciplina de Artes Visuais como uma maneira de transmitir o conhecimento e da integração com outras disciplinas. Com relação à formação docente, foram indicados os aspectos de oportunizar o conhecimento dos movimentos artísticos e do aluno ser produtor de sua arte, desenvolvendo habilidades equilíbrio espacial, sensibilidade, composição e criatividade, como a importância do ensino aprendizagem e ainda favorecendo o desenvolvimento do controle motor nas séries iniciais.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Formação de professores. Experiência.

ABSTRACT

COUTINHO, Rogério Carlos Vianna. *Teaching of Visual Arts and teachers' training: perspectives and possibilities*. 2014. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

The present work investigates the construction of student/teacher's gaze on the discipline of Visual Arts on its formation in front of the art through a process of critical understanding. Uses authors from the perspective of Visual Arts, as Baba (1975), Lowenfeld (1977), Duarte Jr. (2012) and Iavelberg (2003), Teachers' training with Nóvoa (1991) and Tardif (2012), and about Experience, with Larrosa (2001). The methodology was a qualitative research approach developed through individual questionnaires with open questions and research images, as integral parts of a critical and constructive analysis of reports that dialogue with the visual culture. The research seeks to highlight the development of contemporary Visual Arts education, is teaching experience that has the potential to act positively in the construction of artistic knowledge at school in line with the complexity of today's world. The need to treat the theme Art was constituted as a possibility of a dialogue with the questions and concerns that permeate contemporary times related to Visual Arts Education and student/teacher training. The results showed the importance of the discipline of Visual Arts as a way of transmitting knowledge and integration with other disciplines in the early series favoring the development of motor control, with respect to teacher training have been raised aspects to enhance the knowledge of the student's artistic movements and be a producer of his art, developing spatial balance skills, sensitivity, composition and creativity, such as the importance of teaching and learning and favoring motor development in early years.

Key-words: Teaching of Visual Arts. Teachers' training. Experience. Seguir todas as regras

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 – | O presente | 16 |
| Figura 2 – | As farpas | 18 |
| Figura 3 – | As serragens | 20 |
| Figura 4 – | O verniz | 22 |
| Figura 5 – | Oficina de madeira | 25 |
| Figura 6 – | Criando o boi | 25 |
| Figura 7 – | Xadrez gigante | 26 |
| Figura 8 – | Alunos trabalhando na aula de Artes Visuais | 26 |
| Figura 9 – | Alunos produzindo arte | 28 |
| Figura 10 – | Celular na sala de aula | 29 |
| Figura 11 – | Projektor multimídia | 31 |
| Figura 12 – | Aluna caracterizada e linha do tempo | 32 |
| Figura 13 – | Páginas do “site” | 33 |
| Figura 14 – | Técnicas para desenho infantil | 34 |
| Figura 15 – | Literatura de cordel | 35 |
| Figura 16 – | Seminário de desenho infantil | 36 |
| Figura 17 – | Oficina de arte | 37 |
| Figura 18 – | Desenvolvendo propostas de arte | 60 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|-----------|
| | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1 | A CAIXINHA DE MADEIRA: MEMÓRIAS DAS FARPAS, DAS SERRAGENS E DO VERNIZ..... | 16 |
| 1.1 | A caixinha: o presente..... | 16 |
| 1.2 | As farpas: as dificuldades da docência..... | 17 |
| 1.3 | As serragens: a experiência valorizada..... | 20 |
| 1.4 | O verniz: o brilho da recompensa..... | 21 |
| 2 | ARQUITETURA DA AULA: UM ESPAÇO DE RELAÇÕES..... | 24 |
| 3 | AS IMAGENS E SUAS HISTÓRIAS..... | 28 |
| 4 | O ENSINO DE ARTES VISUAIS E SUAS POSSIBILIDADES..... | 39 |
| 5 | A CRIATIVIDADE E SUAS NUANCES..... | 43 |
| 5.1 | Os conceitos de criatividade..... | 44 |
| 5.2 | O conceito de Carl Rogers..... | 50 |
| 5.3 | A Criatividade como fator abrangente..... | 51 |
| 5.4 | O comportamento criativo..... | 52 |
| 5.5 | Criatividade e educação..... | 53 |
| 5.6 | Criatividade e tecnologia..... | 54 |
| 6 | ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA..... | 56 |
| 6.1 | A Pesquisa..... | 59 |
| 6.2 | Os Achados..... | 61 |
| 6.3 | Retirando as farpas..... | 63 |
| 6.4 | Juntando as serragens..... | 66 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 71 |

| | |
|---|----|
| REFERÊNCIAS | 74 |
| APÊNDICE – Roteiro do Questionário | 76 |

INTRODUÇÃO

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

(LARROSA, 2001, p. 26).

Eu sou um apaixonado pelo que faço, as relações criadas na sala de aula são muito importantes para o enriquecimento da minha experiência profissional e pessoal, as reflexões sobre a minha metodologia de trabalho são constantes para melhoria das estratégias. Nessa trajetória minha história se confunde com a Faculdade de Formação de Professores, com meus alunos de Pedagogia vivemos momentos especiais que marcaram nossas vidas.

Nenhuma instituição ou organização pode se responsabilizar, de maneira isolada, pela educação de uma criança no mundo atual. É difícil dizer o que as escolas devem ser, mas certamente não se trata de infraestrutura luxuosa ou apenas de tecnologia avançada. Uma escola pode funcionar até sem eletricidade. O que importa é a existência de um lugar de encontro. A aula pode acontecer até debaixo de uma árvore (ACKERMANN, 2013, p. 12).

Para mim a sala de aula é a arte do encontro, de histórias, memórias, experiências e de relações que constroem o conhecimento de forma natural e agradável.

Na minha primeira Licenciatura no curso de Educação Artística (Licenciatura Curta, que era uma tendência da época, em 1975) uma característica importante era de um curso seriado. Formavam o currículo disciplinas teóricas e práticas focalizando as linguagens artísticas como Linguagem Teatral, Linguagem Musical, Linguagem Plástica, Linguagem

Cinematográfica e Linguagem Fotográfica, nas disciplinas práticas, e nas teóricas eram ministradas Semiologia da Arte, Estética e Teoria da Arte, História da Arte, Estudo das Harmonias Cromáticas, Folclore e outras que eu não me lembro.

É importante frisar que os mestres, em sua maioria, eram especialistas em suas disciplinas sem uma formação pós-graduada, eram raros os cursos de Mestrado na área de Arte no Brasil.

Quando cursei minha segunda Licenciatura, desta vez Plena, em Educação Artística Plástica, nos idos de 1986, que foi o complemento da primeira, já tinha sido implantado o curso por créditos, então podíamos escolher as disciplinas que gostaríamos de cursar por período. No curso já tínhamos alguns professores formados no Mestrado, principalmente na área artística. O enfoque do curso era especialização em Artes Plásticas, então o currículo tinha o objetivo de explorar as disciplinas práticas, desenvolvendo todos os aspectos da linguagem plástica, na forma, na cor, na composição, na representação bidimensional e tridimensional, e no grafismo, explorado nas diversas oficinas oferecidas.

No curso havia disciplinas teóricas voltadas para o esclarecimento da parte estética e simbólica das obras de arte, mas no fundo o objetivo maior era a formação tecnicista do professor, para atender a uma demanda do mercado educacional da época, de acordo com a lei 5692/71. Como nos traz Fusari:

No início dos anos 70, concomitante ao enraizamento da pedagogia tecnicista no Brasil, é assinada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71, que introduz a Educação Artística no currículo escolar de 1º e 2º graus. Os professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas” (1991, p. 33).

À época, o aluno que a universidade queria formar era aquele que deveria preencher, como já disse anteriormente, as vagas na rede escolar particular e pública, devido à criação da lei nº 5692/71. Sobre o curso de Educação Artística, informa Fusari:

Os cursos de Educação Artística vêm polarizando-se em atividades artísticas mais direcionadas para os aspectos técnicos, construtivos, uso de materiais, ou em fazer espontaneístico, sem maiores compromissos com conhecimento de arte. Assim, as aulas de Educação Artística mostram-se dicotomizadas, superficiais, enfatizando ora um saber “construir” artístico, ora um saber “expressar-se”, mas necessitando de aprofundamentos teóricos-metodológicos (1971, p. 39).

Ainda de acordo com o autor, as aulas de arte tinham influências de três vertentes pedagógicas, a Tradicional, a Escolanovista e a Tecnicista, em maior ou menor grau. É

importante frisar que o graduado em Educação Artística deveria ter o papel de desenvolver o pensamento crítico, mas também contribuir na formação cultural dos seus alunos.

A conscientização política ocorre na prática social ampla e concreta do cidadão. A educação escolar deve assumir o ensino do conhecimento acumulado e em produção pela humanidade, isto é, deve assumir a responsabilidade de dar ao educando o instrumental necessário para que ele exerça uma cidadania consciente, crítica e participante. Isto implica em que o trabalho pedagógico propicie uma crítica social, no sentido de transformá-lo (FUSARI, 1991, p. 42).

Na Licenciatura Plena a mudança implementada a partir 1985 foi a especialização em Artes Plásticas, já que o curso de Licenciatura Curta focava a formação do professor com várias habilidades nas linguagens artísticas: teatral, plástica, musical, cinematográfica e fotográfica. Na Licenciatura Plena,¹ segundo o artigo 7º da Resolução CNE/CP Nº 1, de 30.09.1999, observou-se a necessidade da especialização para se realizar um trabalho fundamentado em uma das linguagens, pois na Licenciatura Curta, que aconteceu com a Reforma Educacional de 1971, estabeleceu um novo conceito de ensino de arte: a prática da polivalência. Segundo esta reforma, as artes plásticas, a música e as artes cênicas (teatro e dança) deveriam ser ensinadas conjuntamente por um mesmo professor da 1ª a 8ª séries do 1º grau.

Minha experiência no magistério teve início em abril de 1976, quando comecei a lecionar Educação Artística no CEN - Centro Educacional de Niterói. O contato com colegas do grupo de Arte, alunos e funcionários contribuiu para a minha formação como professor pesquisador de propostas criativas em sincronia com a filosofia pedagógica da escola. A escola foi criada atendendo a uma clientela que tinha como perspectiva formativa, entre outros aspectos, a valorização do humanismo, o estímulo à solidariedade com uma visão do mundo e a consciência de si mesmo e da presença do outro. Nessa época, o Centro Educacional de Niterói já se constituía numa escola experimental que convivía com a ditadura militar e apoiava os filhos dos dissidentes políticos, dando-lhes bolsa integral já que seus pais estavam sem emprego e, em muitos casos, vivendo na clandestinidade.

¹ LICENCIATURA PLENA - A ser ministrada por universidades, centros universitários ou instituições não universitárias de educação superior, destina-se à formação de docentes para a educação básica. Segundo o artigo 7º da Resolução CNE/CP Nº 1, de 30.09.1999; docentes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, organizados em habilitações polivalentes ou especializadas por disciplina ou área de conhecimento Além desses, nos termos da Resolução CNE No 2/97, poderão ser desenvolvidos programas especiais de formação pedagógica, destinados a portadores de diploma de nível superior que desejem ensinar nos anos finais do ensino fundamental ou no ensino médio, em áreas de conhecimento ou disciplinas de sua especialidade. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proplan/glossario/l.htm>>

Nesse período, idos da década de 1970, as oficinas de Artes Visuais eram divididas em várias técnicas como cerâmica, desenho artístico, madeira, escultura e estamparia. Quando entrei na escola tive que criar uma nova oficina que tivesse uma diferenciação das outras, já que tínhamos várias turmas de uma mesma série, então focalizei minhas aulas na técnica de mosaico: com folhas, palitos de picolé, com papel silhueta e com revistas, cada série utilizava um material diferente para a realização do mosaico, com isso pude observar as experiências individuais e coletivas de cada faixa etária, que eram motivadas através de um desafio do material específico. A conclusão dos trabalhos evidenciava o potencial daquelas crianças como pessoas criativas e protagonistas de um trabalho coletivo, pois na sala de arte trabalhavam em mesas grandes juntamente com colegas de turma contribuindo, assim, para a socialização do grupo.

Na escola passei por várias experiências importantes para a minha formação profissional como a participação de projetos integrados com outras disciplinas, isso é uma característica da realização desses projetos, a disciplina de Artes Visuais² sendo o elemento integrador do tema específico, aglutinando os conteúdos de forma que promovesse a interação dos professores e alunos em um objetivo único.

No ano de 2000 a equipe de Arte do Centro Educacional de Niterói reformulou e atualizou a fundamentação da disciplina de Arte e Educação, através de um texto coletivo; este texto foi produzido a partir de várias reuniões do grupo de Arte no espaço do retreinamento oferecido pela escola, aonde analisamos vários textos teóricos e fizemos discussões sobre os mesmos para criarmos a fundamentação; a seguir, um trecho da mesma:

Uma das funções sociais da arte é a de ser um instrumento da educação. Procura-se, através dela, formar homens criativos, inventivos e descobridores de novas verdades. Aliás, não é somente através da arte que o potencial criativo do aluno se desenvolve. Em todo conhecimento há possibilidades de ocorrências criativas. Todos esses valores da arte se apoiam na filosofia humanista, adotada como princípio no trabalho do CEN - Centro educacional de Niterói - engajada, também, nos princípios da experiência criativa do homem e na identificação da pessoa com o ambiente. A arte procura, através destes valores, libertar o aluno da manifestação, tornando-o criativo, espontâneo, coerente com suas ideias e original nos seus atos (Equipe de Arte do CEN, 2000, p. 2).

²O nome Artes Visuais foi denominado pelo PCN de Arte (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997) além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance).

Em 1979 fui convidado a lecionar na Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura (CDRH), atual Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na disciplina Arte e Educação, oferecida aos cursos de licenciatura como eletiva. Em 1994, com a criação do curso de Pedagogia, passei a ministrar as disciplinas Arte e Ludicidade I e II, que no currículo antigo se chamavam Metodologia de Educação Artística, e ainda Informática e Educação. Nestas disciplinas sempre estimulei meus alunos ao pensamento crítico e ao desenvolvimento de suas potencialidades criativas.

No ano de 1995 fui convidado pela vice-diretora do Centro Educacional de Niterói, professora Nícia Menezes, para participar do Bureau de Informática Educativa do Centro Educacional de Niterói (BITCEN), setor que tinha como objetivo dar suporte tecnológico aos professores da escola e de participar de projetos integrados com as disciplinas, para o desenvolvimento das novas tecnologias e do envolvimento dos alunos nesse processo, na utilização de programas multimídia para assimilação dos conteúdos de forma diferenciada. Em 2004, ingressei na Universidade Estácio de Sá, para lecionar a disciplina Arte e Educação no curso de Pedagogia, senti muita diferença com relação aos alunos, pois estes não tinham experiência de uma metodologia de produção artística, provocando algumas resistências no desenvolvimento da disciplina, mas que foram sanados com a valorização da autoestima e a realização de pesquisas sobre História da Arte, que modificaram o olhar sobre a estética das obras de arte.

Como é importante ganhar um presente, e se ele mostra memórias da minha experiência docente, isso faz toda diferença. Mas essas histórias vão ser contadas nos próximos capítulos...

1 A CAIXINHA DE MADEIRA: MEMÓRIAS DAS FARPAS, DAS SERRAGENS E DO VERNIZ

1.1 A caixinha: o presente

Figura 1 – O presente



Legenda: a caixinha de madeira.
Fonte: arquivo pessoal, 2013.

[...] a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2012, p. 36).

Começando a lecionar no Centro Educacional de Niterói, tinha curiosidade por tudo, nos meus tempos livres visitava as oficinas de arte no sentido de adquirir conhecimento, em uma destas visitas, na oficina de madeira, fiquei fascinado com a variedade de objetos criados pelos alunos com ajuda gabaritada dos professores marceneiros, pois havia um professor que não gostava de ser chamado de professor de Artes Visuais já que tinha preconceito com relação a essa classificação. Observando os objetos da sala gostei muito de uma caixinha de joias pequena e singela e pedi para esse professor se havia possibilidade de ele fazer uma para mim; qual não foi a minha surpresa, dias depois em uma reunião do nosso grupo de professores ele me deu de presente uma caixinha muito parecida com a que eu tinha visto, só

me deu um conselho para o acabamento, colar uma figura na tampa e passar verniz na caixa toda.

Alguns anos depois fui deslocado para a oficina de madeira para substituir um professor que estava doente, começava aí uma nova aventura docente e de um aprendizado que marcou a minha experiência no ensino da Arte, motivando a criação de propostas que utilizassem a madeira de forma artística; não quero dizer com isso que o artesanato seja uma categoria inferior da arte, mas com a minha experiência em artes plásticas, gostaria de acrescentar novas estratégias no envolvimento criativo do meu aluno.

Penso em Ana Mae Barbosa que ao escrever sobre Artes Visuais cita dois importantes conceitos, a Arte: forma e conteúdo e a Percepção e o desenho de observação. Barbosa (1975) cita que o tema é função do conteúdo, mas que Artes Visuais é forma e conteúdo ao mesmo tempo e que a forma é anterior ao conteúdo, e que devemos pensar em um programa de Artes Visuais que favoreça o entendimento entre forma e conteúdo.

Quando trabalho o conteúdo de minhas aulas gosto de desafiar o meu aluno com propostas que trabalhem a forma, mas também a percepção sobre o espaço, a cor, a linha e a composição, que poderá motivá-lo a explorar sua criatividade e habilidades, às vezes imersas dentro de sua memória ou que nunca foram desenvolvidas, tanto na família como na escola, criando assim um grande vazio a ser explorado no mundo que o cerca, e estabelecendo relações dentro dele. Para Barbosa (1975), a percepção é função do pensamento, perceber a realidade é pensar acerca dessa mesma realidade e adquirir condições para propor uma nova realidade.

Muitas vezes uso como estratégia a observação de imagens, como referência de forma, textura e de variações de composição, nunca no sentido de fazer uma cópia do original e sim uma percepção flexível e complexa que estimule a dinâmica de um novo desenho, desenvolvendo a analogia, a análise e a síntese.

1.2 As farpas: as dificuldades da docência

Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados.[...] No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (LARROSA, 2001, p. 22).

Figura 2 – As farpas



Legenda: aprendendo com as farpas.

Fonte: <http://pt.wikihow.com/Remover-uma-Farpa-com-Bicarbonato-de-S%C3%B3dio>, 2013.

Fazendo uma relação com a minha docência tive muitas farpas ferindo o meu dedo, os meus braços, mas como aprendi com as estratégias para conseguir retirá-las, sempre ficando uma dor que contribuiu na minha formação docente e marcou a minha experiência como indivíduo, adquirindo novos saberes para as transformações do meu cotidiano.

Iniciando a lecionar, ainda cursando a faculdade, estava cheio de ideias mirabolantes de como deveriam ser ministradas as minhas aulas, queria modificar as estruturas da escola, fazer sempre algo diferente, mas sem nenhuma estratégia, pois a mesma só se adquire com o tempo, com a observação, com a interatividade com os alunos, na minha relação com outros docentes, na adaptação aos currículos. Então, são muitas possibilidades que se apresentam e para dar certo temos que encontrar as brechas para a individualidade, pois a experiência é única e na maioria das vezes aprendi mais com meus erros do que com os acertos, porque as palavras marcam o interior da alma e para termos sucesso nas metodologias, tive que escutar mais do que falar, porque as vozes enriquecem as experiências, que são filtradas e organizadas a partir da minha memória.

[...] ideia de trabalho interativo, procuro compreender as características da interação humana que marcam o saber dos atores que atuam juntos, como os professores com seus alunos numa sala de aula. A questão do saber está ligada, assim, à dos poderes e regras mobilizados pelos atores sociais na interação concreta. (TARDIF, 2012, p. 22).

Certa vez em um retreinamento³ de professores, alguém me pediu para confeccionar um cartaz para informar sobre um evento, fiz o cartaz com pressa, pois ele deveria ser colocado logo antes que a reunião acabasse, ficou péssimo, com as letras de tamanhos diferentes e sem alinhamento, mas colocaram na parede do refeitório mesmo assim. O meu coordenador na época me deu um conselho valioso, nunca faça as coisas com pressa porque a tendência é sempre ficar de baixa qualidade; depois desse dia nunca mais fiz nenhum projeto com pressa, sempre penso nas possibilidades estéticas e harmônicas e assim mesmo muitas formatações são trocadas depois da análise cautelosa do projeto, então esse erro desenvolveu a minha experiência profissional. Trazemos para reflexão a fala de Larrosa (2001), quando diz:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (p. 24).

Nessa época que vivemos de modernidade e pós-modernidade, onde os alunos são estimulados por várias tecnologias: celular, internet, redes sociais, e-mail, jogos eletrônicos e conversas online, o professor em sua sala de aula tem que ser muito sedutor através de suas estratégias para que estimulem o aluno participar de suas propostas de trabalho. Os saberes do professor no domínio das novas tecnologias vão formalizar e sistematizar o seu planejamento no desenvolvimento de novos saberes que favoreçam os alunos em suas expectativas.

Todo o saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas (TARDIF, 2012, p. 35).

A organização de hábitos de trabalho, com todos os estímulos tecnológicos, é uma tarefa árdua e difícil, mas quando o professor organiza com os alunos o seu ambiente de trabalho estimulando o centro de interesses, facilitará o desenvolvimento de um planejamento criativo com o relacionamento dos saberes do professor e dos alunos criando uma nova perspectiva para sala de aula.

³ Retreinamento é o termo usado para as reuniões de formação docente, realizadas no Centro Educacional de Niterói.

1.3 As serragens: a experiência valorizada

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (LARROSA, 2001, p. 24).

Figura 3 – As serragens



Legenda: aproveitando as serragens.

Fonte: <http://www.srflores.com.br/produto.aspx?CategoriaID=21&ProdutoID=374&Page> 2013.

As serragens só são criadas a partir do trabalho artesanal do marceneiro; posso dizer que elas são as marcas da experiência desse artesão, na maioria das vezes são jogadas fora, em outras são utilizadas como conexões para um bom acabamento.

]

[...] reflexões acerca do processo de ensino da Arte, no duplo enfoque de objetivos e métodos, podemos inferir que os professores de arte precisam, em primeiro lugar, de sólidos conhecimentos teóricos acerca das teorias da Arte-Educação, e de um modo de pensar acerca da Arte que possa ajudá-los a definir as atividades artísticas na escola e a Arte na sociedade moderna, sua função e praticidade. (BARBOSA, 1975, p. 94).

A fundamentação teórica do professor de Artes Visuais, como relata Iavelberg (2003), exige uma atualização constante com relação à cultura, pois poderá apresentar aos alunos os conhecimentos mais avançados de sua época. Ao mesmo tempo em que seus conhecimentos

prévios merecem todo o respeito, o papel do professor só se completa no exercício de uma atividade constante de pesquisa, de estudo e de produção escrita reflexiva de modo que ele possa avançar, garantindo um conteúdo substantivo e atualizado, em relação à cultura e à educação, para si e para aqueles a quem pretende educar, ampliando progressivamente seu círculo de experiência.

Sempre pergunto às minhas alunas de Pedagogia: qual o sentido de levar uma turma de alunos a uma exposição de arte? Para valer a pena uma visita ao museu ou galeria, eu utilizo seminários de História da Arte para o enriquecimento cultural do aluno/professor, a noção cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o "sucesso escolar", ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe.

Os alunos/professores fazendo narrativas das obras de arte, conhecendo as características dos principais estilos, os artistas relevantes e seus maneirismos formais, todos esses aspectos contribuem para uma bagagem sobre arte que influenciará a formação das alunas(os) de Pedagogia, e darão sentido à visita a uma exposição, pois os alunos também têm que ser preparados para fazerem uma leitura das obras e de suas narrativas visuais.

Portanto, para que as serragens se tornem coloridas e tenham valor, elas precisam de um sentido, de um objetivo bem claro e fundamentado para que a visita a uma exposição seja uma jornada de descobertas, que os trabalhos realizados nas aulas de arte sejam prazerosos e cheios de significados, para que a Arte, como elemento integrativo entre as áreas cognitiva, afetiva e motora, propicie uma formação global do indivíduo.

1.4 O verniz: o brilho da recompensa

É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2001, p. 25).

Figura 4 – O verniz



Legenda: o brilho da recompensa.

Fonte: <http://www.famastiltaurus.com.br/blog/construcao-stain-x-verniz-post-484.html>, 2013.

O verniz está sempre interligado com o brilho; na educação, o sucesso de um aluno está ligado à sua experiência adquirida, que é muito mais importante que todos os conteúdos que ele aprendeu nas diversas disciplinas, pois ele teve coragem de ousar, sair da mesmice, entregou-se ao desconhecido para depois conhecer, teve medo, deu um passo adiante, continuou caminhando apesar de todos os acontecimentos negativos, e continua sua trajetória na sua vida profissional e pessoal, experimentando o mistério da vida, sabendo buscar o brilho que ela tem.

Eu tenho uma frase que geralmente pergunto aos meus alunos, que virou uma marca minha no final de cada curso, se você entrou na sala de aula e vai sair do mesmo jeito que entrou, nada aconteceu naquele momento, a sua experiência não foi afetada, você não mudou de comportamento, apenas o tempo passou e nada mais, e isso acontece na maioria das vezes quando o aluno não está vivenciando a aula, só seu corpo está ali. E a busca pelo verniz, significa alguma coisa? Esse é o grande dilema do ser humano que vezes se pergunta: O que eu estou fazendo aqui? Talvez seja a grande angústia da educação atual, ela não faz sentido para os alunos, eles querem decorar os conteúdos, mas não querem ser afetados por nada e por ninguém (professor, colega, orientador, funcionários), mostrando toda individualidade de uma sociedade cada vez mais solitária, tendo amigos imaginários virtualmente caminhando para uma felicidade inventada, mas o brilho da experiência tem que ser verdadeiro, e essa jornada muitas vezes é cruel, machuca e expõe as feridas de uma educação que continua procurando o seu caminho.

Dialogando com Barbosa (1975), pensamos que a arte talvez seja uma das brechas ou caminhos que a educação deva seguir, pois ela tem o poder de integração entre as disciplinas,

toca e afeta os alunos em sua subjetividade, trabalha o cognitivo de forma criativa, estimula a socialização e obtenção do capital cultural tão importante a sociedade.

A presente pesquisa analisa o desenvolvimento de aulas de Artes Visuais buscando a sua contribuição cultural na formação dos alunos, observando o professor como produtor de significados por meio de sua experiência plástica e estética, e propõe a seguinte questão: qual a importância do ensino de artes visuais na formação de professores?

O próximo capítulo aponta como o espaço da sala de aula e da arquitetura da escola são importantes e necessários para um bom desempenho dos alunos e do professor na execução do planejamento das aulas e projetos desenvolvidos.

2 ARQUITETURA DA AULA: UM ESPAÇO DE RELAÇÕES

Talvez as emoções não atrapalhem – como usualmente se acredita – nosso desenvolvimento intelectual. Pode ser até que ambos – razão e emoção – se completem e se desenvolvam mutuamente, dialeticamente.

Foi pensando e acreditando nisso que alguns estudiosos propuseram uma educação baseada, fundamentalmente, naquilo que sentimos. Uma educação que partisse da expressão de sentimentos e emoções. Uma educação através da arte (DUARTE JÚNIOR, 2012, p. 25).

Contamos com a contribuição reflexiva de Damis (1996), quando ao falar do ensino de Didática, que não é o nosso objeto, traz a ideia da relação do professor para estimular a participação do estudante na aula, que o espaço da aula possui um significado para além da relação professor-aluno-conhecimento, o significado do encontro da troca de experiências, nessa energia é que acontece o aprendizado e a criação de hábitos de trabalho.

Um dos grandes desafios do professor de Artes é conseguir estimular os seus alunos no desenvolvimento das propostas de trabalho, com os desafios estruturais, pedagógicos e de espaço arquitetônico. É nessa realidade que surge a coragem de mudança da postura didática; dependendo da realidade da escola, o espaço pode contribuir para o sucesso da aula ou não, mas mesmo assim é importante que o professor tenha variações em sua metodologia de trabalho para que não seja pego de surpresa em situações que ele não esteja preparado para enfrentar.

Existem escolas que percebem a importância das Artes, como o Centro Educacional de Niterói (CEN), na formação do aluno e oferecem condições do espaço didático adequado para a realização das aulas e com isso o desenvolvimento do aluno é percebido de forma concreta, pois ele é estimulado com metodologias diversificadas, como vemos nas duas fotografias a

seguir, registradas na aulas de madeira; a primeira os alunos em bancadas com ferramentas apropriadas para a aula desenvolvendo projetos individuais e na segunda foto o professor da escola ajudando um aluno na criação do Boi Bumbá do projeto integrado da escola Festa Junina. Percebe-se também a preocupação de oferecer suporte tanto ao professor como às atividades desenvolvidas na escola.

Figura 5 – Oficina de madeira



Legenda: alunos na oficina de madeira do ⁴CEN.

Fonte: arquivo pessoal, s/d.

Figura 6 – Criando o boi



Legenda: criação do Boi Bumbá.

Fonte: arquivo pessoal, s/d.

Essa realidade oferecida pelo Centro Educacional de Niterói e em outras escolas da época, que na maioria de nossas escolas municipais, estaduais e mesmo particulares, não tem esse comprometimento para uma didática transformadora por vários motivos, como vontade política, ousadia pedagógica e para atender a sua clientela, está mais preocupada com o vestibular do que a formação cultural do aluno, já no CEN se preocupa com o futuro do aluno que deverá ser um profissional questionador e comprometido em desenvolver novas ideias.

Na maioria das escolas existem espaços arquitetônicos que não são explorados pedagogicamente, por falta da ousadia dos professores, coordenadores e principalmente da direção das escolas que não dão apoio para novas iniciativas didáticas, por uma visão tradicional de utilização do espaço escolar ou por investimentos econômicos que não darão visibilidade dentro de uma didática tradicional. Na reflexão de Zevi (1978), o espaço, o vazio, seja o protagonista da arquitetura, se pensarmos bem, é natural, porque a arquitetura não é apenas arte nem só imagem da vida histórica ou de vida vivida por nós e pelos outros: é também, e, sobretudo, o ambiente, a cena onde ocorre a nossa vida.

No Centro Educacional de Niterói, um exemplo abaixo do uso de espaços ociosos em projetos integrados entre as disciplinas procurando utilizar metodologias diferenciadas,

⁴ CEN – Centro Educacional de Niterói.

sempre apoiadas por coordenadores e direção, motivando os professores em novos projetos envolvendo os alunos em todo o processo de trabalho.

Figura 7 – Xadrez gigante



Legenda: projeto xadrez gigante, criado na aula de madeira utilizando um espaço ocioso do Centro Educacional de Niterói.

Fonte: arquivo pessoal, s/d.

Além desses mostrados acima, temos situações de sala de aula no ensino superior que podem ampliar nossas reflexões. Abaixo vemos dois exemplos de salas de aula, na disciplina de Arte Visuais no curso de Pedagogia.

Figura 8 – Alunos trabalhando na aula de Artes Visuais



Legenda: Universidade pública.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.



Legenda: Universidade particular.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.

O que é ser professor de arte? É atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E, para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico (FUSARI, 1991, p. 49).

O professor de Arte tem que ter a sensibilidade para adequar a sua metodologia de trabalho ao espaço da sua sala de aula, para que as propostas apresentadas não tenham nenhum prejuízo no seu resultado final, é importante frisar que o processo desenvolvido conta como elemento significativo na construção dos saberes do aluno/professor.

A seguir as imagens mostrarão suas histórias e os momentos marcantes da sala de aula.

3 AS IMAGENS E SUAS HISTÓRIAS

Figura 9 – Alunos produzindo arte



Legenda: Universidade particular.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.

Nesses anos em que leciono Artes Visuais, um fator para que minha metodologia de trabalho dê certo é a conquista da turma, a valorização da autoestima do aluno, o comprometimento com os trabalhos desenvolvidos e adequação ao espaço da sala de aula, algumas vezes imprópria para o trabalho de arte, com cadeiras com apoio de um braço só, sem espaço para o material da aula e causando incômodo na realização dos mesmos, como vemos na foto acima. Na verdade a conquista acontece aos poucos talvez pela idade variada dos alunos e de sua pouca ou nenhuma experiência em relação às Artes Visuais, o mais gratificante é perceber a evolução dos alunos/professores no desenvolvimento da percepção, no conhecimento de novas técnicas e ao descobrirem a importância da arte para o ser humano com um novo olhar para o mundo que o cerca.

O ato criador precisa de registro senão ele cai no esquecimento de um momento da memória, deixando de mostrar a sua história e de compartilhar sua pesquisa.

[...] enlaçando a criação com a pesquisa, ensaio pensar o processo de criação artística como um processo de registro. Registrar é reconhecer-se e compreender-se sujeito da história e da memória. É ver-se sujeito da linguagem, isto é, capaz de expressar-se nas mais variadas linguagens (LEITE, 2011, p. 32).

O registro é um fator primordial para desvendar a ideia criativa, que surge de uma pesquisa de experiências visuais e subjetivas, desenvolvendo uma linguagem pessoal de autoconhecimento e de leitura do mundo.

Figura 10 – Celular na sala de aula



Legenda: aluna de Pedagogia FFP/UERJ, utilizando o celular como pesquisa.
Fonte: arquivo pessoal, 2013.

Na foto acima, uma aluna em um seminário sobre Folclore na disciplina Arte e Ludicidade I, usou o recurso do celular como apoio para a leitura do texto sobre a região norte, isso me chamou atenção pela estratégia usada pela aluna na economia de papel e de ter acesso direto ao texto pelo celular. Este momento registrado pela foto me levou a uma reflexão sobre as possibilidades que o celular oferece em uma sala de aula, principalmente no uso da internet, e como os alunos têm conhecimentos tecnológicos que favorecem o aprendizado. Segundo Alves (2004), temos percebido que as imagens mostram o que ali está, o que não está, o que poderia estar, o que seria bom se estivesse, o que veio antes e o que veio depois. Na verdade a leitura de uma imagem é muito pessoal, ela dependerá da vivência e da experiência individual do expectador, de suas relações com o mundo e das interrogações que a imagem lhe oferece.

O mundo fica cada vez mais visual, através de celulares, computadores, televisões, aonde existe um turbilhão de informações, de diversos tipos: imagens, textos, animações, vídeos, que podemos direcionar para o aprendizado, explorando os conteúdos de arte que irão fomentar a experiência do aluno na criação de seus códigos pessoais contribuindo para a sua criatividade.

É o próprio avanço tecnológico do homem, que se processa em nossos dias com espantosa rapidez, que determina uma ênfase cada vez maior no que concerne à ocorrência dos processos criativos. Em outras palavras: o desenvolvimento cada vez maior da tecnologia corresponde ao desenvolvimento da criatividade e capacidade inventiva do indivíduo.

A grande estratégia do professor é saber utilizar esses novos saberes que permeiam as novas tecnologias, muitos desses saberes vem dos alunos que estão conectados nas mídias sociais e nos recursos que essas redes oferecem para o compartilhamento de informações. O professor não pode se ausentar dessa responsabilidade de gerenciar a construção dos novos saberes, por isso a importância de uma qualificação constante para que ele não perca o rumo dessa nova educação.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1998, p.45):

A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal.

A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolvem na área.

Compreendemos que a formação docente deve passar pelo conhecimento de novas ferramentas digitais, como programas de tratamento de imagens, editores de vídeo, animações 2D e 3D e desenho digital, pois esse é o mundo do nosso aluno, em que ele experimenta pinceladas diferentes, cores diversificadas e composições que podem ser salvas a qualquer momento e transformadas em novas composições.

Figura 11 – Projetor multimídia



Legenda: seminários de arte na turma de Pedagogia FFP/UERJ.
Fonte: arquivo pessoal, 2013.

Nos seminários de Artes Visuais (Arte e Ludicidade I e II-FFP/UERJ), como mostra a foto acima o uso do projetor multimídia oferece possibilidades de ampliar a leitura das imagens, de sentir as cores, as linhas, as formas ou de um vídeo de modo envolvente, criando um clima apropriado para percepção da obra, estimulando o imaginário e tornando-se gerador de outras buscas e significados. O compartilhamento das reflexões sobre a obra de arte favorece o senso crítico e a compreensão do conteúdo das aulas.

As novas ferramentas tecnológicas oferecem imagens estáticas e em movimento para a dinamização das aulas de Arte (assim como também de outras disciplinas), criando oportunidades de conhecimentos até online; isso me lembra de uma atividade específica que eu utilizava nas minhas aulas de Artes Visuais, há alguns anos atrás, a criação de um clip musical com slides desenhados em papel vegetal e de como fazia sucesso a apresentação dos mesmos e eles eram mostrados em um dia específico, como uma grande mostra, e esse momento era especial pela diversidade criativa dos trabalhos que eram realizados em grupos de alunos. Isso mostra que a diversificação das tecnologias e as estratégias usadas pelo professor instigam a curiosidade e a criatividade do aluno.

A interferência do professor no processo criativo é muito importante para incentivar as práticas de investigação, instigar e estimular questões que auxiliem a construção do objeto criativo, como analisa Pereira (2012) o professor cria instabilidade para que haja movimento e mudanças de concepções. Interferir é provocar movimento, impelindo à construção de conhecimento. Entretanto, ao interferir na produção do aluno, o professor deve ter em mente o

objetivo: aprofundar conhecimento sobre determinado objeto. A intervenção deve propiciar reflexões sobre o objeto. É no processo de investigação e de criação que o conhecimento se instaura.

Figura 12 – Aluna caracterizada e linha do tempo



Legenda: aluna representando Mona Lisa e ao fundo linha do tempo do Renascimento, Pedagogia FFP/UERJ.

Fonte: arquivo pessoal, 2010.

Nesta foto existem vários elementos a serem observados. O primeiro é a linha de tempo mostrando as fases do Renascimento para organização da apresentação, o segundo aspecto é a aluna caracterizada de Monalisa, quadro famoso de Leonardo Da Vinci, criando um clima de época estimulando as nossas percepções sobre o tema abordado e como pontua Alves (2004), com essa lembrança, queremos indicar como narrativas e imagens se entrelaçam em nossas vidas e como tudo o que conseguimos ver se articula sempre com o que sabemos antes, por narrativas ou imagens anteriores. Como são importantes os registros através de imagens desses momentos marcantes, fazer uma reflexão sobre essas memórias são imprescindíveis para o enriquecimento profissional.

A mediação do professor de Artes Visuais é um elemento preponderante para o envolvimento com os alunos em termos das relações interpessoais, favorecendo o conhecimento, a imaginação e a expressão criativa, as questões levantadas pelos alunos são diversificadas e esperam do professor um apoio na resolução das mesmas, na construção de uma prática pedagógica dinâmica favorecendo o aprendizado. A formação cultural do docente possibilita e favorece o desempenho do estudante e de suas habilidades.

Em defesa de uma formação cultural que fortaleça o papel mediador do professor, indica-se sua aproximação com a arte. Participando de sua vida, a arte possibilita ao educador construir uma prática pedagógica em que conhecimento, imaginação e expressão conjugam-se dinamicamente, beneficiando o desempenho do estudante, favorecendo o desenvolvimento da imaginação e das habilidades (CARVALHO & BUFREM, 2006, p. 48).

O professor de Artes Visuais deve estar antenado com movimentos artísticos de sua época fortalecendo a sua formação cultural, a qualificação, principalmente na área artística, para que a mediação com o estudante conjugue ações expressivas no desenvolvimento da imaginação criativa.

Figura 13 – Páginas do “⁵site”



(a)



(b)



(c)

Legenda: (a) página principal do site; (b) propostas usando o recurso da linha; (c) blog de informática.
Fonte: www.arteeducacao.net – captura de tela, 2013.

As fotos acima mostram imagens da página da internet (site) que foi desenvolvida com a necessidade de se compartilhar uma rede de conhecimentos, dos conteúdos de Artes Visuais, as propostas relacionadas com esses conteúdos, mostrar a importância do desenho infantil

⁵ Site Informações divulgadas através de páginas virtuais também chamadas: “Web”, disponibilizadas na Internet. Local ou endereço eletrônico. Com relação ao site www.arteeducacao.net, disponibiliza conteúdos sobre Artes Visuais e propostas do desenho artístico.

com fundamentação de textos de Lowenfeld (1997) sobre Garatujas, Tentativas de Representação e Conquista da Forma. Uma outra parte do site muito importante é o Blog de Informática Criativa. Eu também leciono Informática na Educação I e II na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, quando surgiu como uma estratégia metodológica de criar vídeos explicativos sobre os projetos a serem desenvolvidos no laboratório de informática, essas *teias de conhecimento* ficam disponibilizadas online contribuindo para o sucesso da aula, mas não tirando do professor o papel de mediador dos saberes e interferindo nas soluções dos problemas.

(...) é preciso recuperar aquele espaço do saber, onde quer que ele esteja e, para se entender a introdução das novas tecnologias e dos novos conhecimentos no cotidiano escolar, é preciso compreender o saber que surge do *uso*, com sua forma e inventividade próprias.

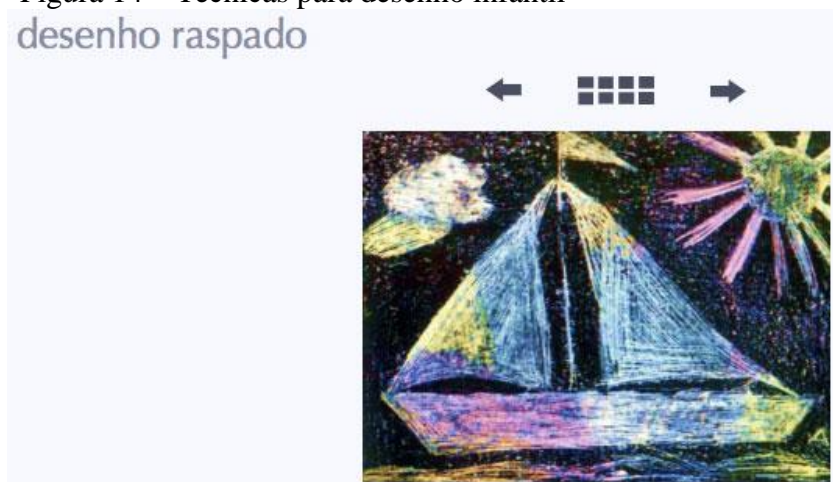
[...] Sendo assim, para entender, realmente, como por diversos fios se tece a ideia de *conhecimento em rede*, é preciso admitir que existe o *uso cotidiano* de novas tecnologias e novos conhecimentos (ALVES, 2008, p. 98).

Outra área são as Técnicas para Desenho Infantil obtidas do livro de Alcídio Mafra de Souza – Artes Plásticas na Escola (1970), que foi uma referência na minha primeira formação. Segundo o autor:

O trabalho do professor consiste em dar ao aluno apoio efetivo e em lhe oferecer um número muito grande de experiências, as quais, aos poucos, vão ampliando os horizontes de seus conhecimentos. A fim de aproveitar devidamente todas as oportunidades, o professor precisa conhecer os materiais e dominar as técnicas empregadas nas atividades criadoras, pois é a sua própria experiência que irá fundamentar toda a aprendizagem (SOUZA, 1970, p.112).

Figura 14 – Técnicas para desenho infantil

desenho raspado



Legenda: desenho raspado: técnica com lápis cera, nanquim e palitos.
Fonte: www.arteeducacao.net – captura de tela, 2013.

O compartilhamento do site favoreceu o meu conhecimento de muitas pessoas do Brasil, que me enviam e-mails com suas dúvidas e suas felicitações sobre a rede de conhecimentos que eles adquiriram em contato com o site, aproveitando as ideias das propostas para sua realidade.

Figura 15 – Literatura de cordel



Legenda: seminário sobre folclore no curso de Pedagogia FFP/UERJ.
Fonte: arquivo pessoal, 2013.

A transformação do quadro branco em suporte para exposição da Literatura de Cordel na apresentação de um seminário sobre Folclore cria uma nova expectativa visual toda especial de nossa cultura, mostrando a importância dessa literatura para o enriquecimento dos alunos. A exposição em barbante dos livros de cordel quebra a frieza da sala de aula, enchendo de expressividade o fundo branco do quadro, mostrando um caminho da história da arte popular através de suas capas com desenhos em xilogravura⁶, criando um universo todo particular da cultura brasileira.

A sala de aula pode ser um poderoso espaço de criação. Partindo de propostas pedagógicas bem estruturadas, os alunos se capacitam a criar soluções para problemas diversos, formular novas hipóteses, reinterpretar velhas proposições. Para isso, é indispensável que as relações entre os sujeitos da sala de aula e os conteúdos sejam estabelecidas como maneira de aprofundar o conhecimento sobre os objetos. (PEREIRA, 2012, p.11).

A sala de aula só se torna um espaço de criação pela interferência do professor, com um planejamento que provoque desafios e reflexões sobre os objetos a serem criados, as

⁶ Gravura em madeira.

propostas pedagógicas devem ser elementos motivadores nas soluções dos problemas apresentados criando um modo de realização dos objetos, em um aprofundamento dos conhecimentos adquiridos.

Figura 16 – Seminário de desenho infantil



Legenda: Alunas com avental fazendo uma referência as professoras da educação infantil, Pedagogia FFP/UERJ.

Fonte: arquivo pessoal, 2010.

A foto acima mostra as alunas de Pedagogia criando uma ambientação toda ingênua e de “supertias” para a apresentação de um seminário sobre Desenho Infantil. Como fica impregnada no imaginário das alunas a identidade das TIAS com avental que caracteriza a figura de uma serviçal do ensino, essas simbologias são interpretadas por mim sem nenhum teor pejorativo, pelo contrário, elas quiseram mostrar um aspecto de identificação da professora como um prolongamento da mãe que também está a todo momento pronta para resolver todo problema que venha a surgir. Outro aspecto importante é o pano que cobre o quadro com várias mãos impressas e manchas que talvez caracterizem a fase das garatujas do desenho das crianças. Muito da decoração vem da experiência das alunas como professoras em escolas particulares e públicas e também de sua bagagem cultural.

A vivência das oficinas desenvolve o olhar reflexivo sobre a experiência acumulando através da sensibilidade a análise do objeto criado, estimulando e exercitando um novo olhar.

As propostas e as técnicas transformam ideias em obras, há a solução formal, isto é, o aluno cria uma solução para aquela ideia, transformando-a em linguagem. No processo criativo, ambas caminham juntas: as ideias e as formas. A relação entre sujeito e objeto já se construiu; então com a solução em mente inicia-se a produção.

A experiência recreativa de uma obra de arte depende não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do espectador, mas também de sua bagagem cultural. Não há espectador totalmente ingênuo. A função de olhar não é simples. Assim, embora possamos gozar de uma visão perfeita, muitas vezes, parecemos vendados. Não basta abrir os olhos, precisamos exercitar nosso olhar, como fazemos com o nosso cérebro ou nosso corpo (BUENO, 2008, p.21).

Figura 17 – Oficina de arte



Legenda: oficina de lápis cera derretido, ministrada pelas alunas de Pedagogia FFP/UERJ.
Fonte: arquivo pessoal, 2011.

A aula de Artes Visuais se caracteriza pela prática, pela vivência de materiais diversos e de experimentações plásticas conforme a técnica desenvolvida. Na oficina registrada na foto acima, utilizando velas acesas e lápis de cera derretido pelo fogo, o desenho surge com a repetição das camadas do lápis cera utilizando-se diversas cores. Principalmente na pré-escola essa técnica é muito utilizada por seu aspecto lúdico e inusitado na concretização do desenho. A concentração, a organização espacial e a composição do desenho são algumas das habilidades construídas com essa atividade.

A criação artística deflagrada por procedimentos didáticos cria uma tensão que estabelece ou rompe limites, possibilitando ao sujeito produzir conhecimento sobre o objeto. Ao criar, o sujeito põe em evidência a estrutura de valores e significados subjacentes aos processos desenrolados na sala de aula. Quando inventa uma determinada forma, está estabelecendo um diálogo, pois utiliza uma linguagem da arte para dar forma a uma ideia deflagrada pela proposta do professor (PEREIRA, 2012, p.12).

A proposta artística como procedimento didático para a criação do objeto estabelece possibilidades de produção de conhecimento, estimula a procura de significados

desenvolvendo processos de criação pelo registro do objeto de arte, mas isso tudo acontece através da proposta provocadora utilizada pelo professor, em processo contínuo de novas ideias pela linguagem da arte, como veremos a seguir, já que no próximo capítulo faço uma reflexão sobre as possibilidades do ensino de Artes Visuais.

4 O ENSINO DE ARTES VISUAIS E SUAS POSSIBILIDADES

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que quase é impossível nos tempos que correm: requer para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

(LARROSA, 2001, p. 24).

A proposta da educação está centrada no processo de reelaboração das experiências, a partir de uma escuta atenta às vivências e ao que nos toca, como afirma Larrosa (2001). O ensino de Artes Visuais pode proporcionar a produção, a pesquisa e a crítica contribuindo nas diferentes dimensões do conhecimento da arte. O professor que não se sentir provocado esteticamente terá menos subsídios para provocar tal experiência nos estudantes. O entendimento da arte como área de conhecimento e como campo legítimo de atuação e pesquisa tem contribuído para a consciência da prática pedagógica em arte. O aluno chega à escola trazendo consigo uma série de informações e vivências oriundas do tipo de sociedade em que vive, na qual as relações interpessoais vão ficando raras. Muitos deles vivem mais tempo dentro das escolas do que dentro de suas próprias casas, o que exige do educador, responsável, até então, unicamente pelo aprendizado acadêmico, uma reviravolta no seu modo

de ser como pessoa-profissional. Então esta experiência adquirida na escola deve ser rica em diversidades culturais para que o aluno construa sua personalidade de forma criativa, mas com habilidades para colocar sua marca no mundo.

O saber do professor está estritamente relacionado com o seu trabalho, como cita Tardif (2012), isso implica em uma relação multidimensional incorporando a identidade pessoal e profissional do professor. A prática docente não é apenas um objeto de saber das ciências da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos.

Muitas vezes o professor não compreende que a experiência do seu trabalho e suas estratégias metodológicas são uma fonte rica em saberes, que vão se transformando devido a vários fatores que o fazem refletir sobre sua realidade e sua prática profissional, produzindo saberes personalizados.

Maurice Tardif (2012) traz uma importante contribuição para nosso trabalho, pois se preocupa com os saberes do professor e valoriza a sua experiência na formação de novos professores. O saber do professor é social, pois apesar de ser desenvolvido individualmente e incorporado à sua prática, depois de adaptado e transformado, a sua relação com os outros irá repercutir nele mesmo, um saber sempre relacionado ao trabalho com os alunos, colegas, pais, funcionários, etc. Um saber desenvolvido em uma tarefa complexa, a de ensinar. Para o autor, “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (p. 36).

Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho. A experiência de trabalho, portanto, é apenas um espaço onde o professor aplica saberes, sendo ela mesma saber do trabalho sobre saberes, em suma: reflexividade, retomada, reprodução, reiteração daquilo que se sabe naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir sua própria prática profissional (TARDIF, 2012, p. 21).

A grande dificuldade encontrada pelo docente de arte é a mobilização dos alunos na realização dos trabalhos, de acordo com Pereira (2012) a produção – ou seja, o momento em que o sujeito desenha, pinta, esculpe – também é momento de criação. Ao adquirir materialidade, o objeto dita seus caminhos e interfere na forma final. O grande problema do estudante é ter um momento de reflexão sobre a variedade de saberes estabelecidos pelo professor e que caminho tomar para materializar a experiência de trabalho na relação com a

obra construindo-se sujeito criador, modificando-se nesse processo e o objeto também se modifica.

O professor de Artes Visuais desenvolve o seu conhecimento através de vários aspectos culturais, como visita a museus e galerias, leitura de jornais nos cadernos de cultura, sites da internet com enfoque na arte, observação da arquitetura da própria cidade e de outras em viagens, observar o seu aluno nas resoluções das propostas desenvolvidas na sala de aula, procurar criar suas próprias propostas de trabalho para que a sua trajetória na escola seja marcada pela originalidade, que os trabalhos contribuam para estimular a visão do aluno na diferenciação dos estilos artísticos, que a formação de professores seja enriquecida na busca da investigação de novos saberes que venham a contribuir com sua futura docência.

Muitas vezes, relata Iavelberg (2003), o professor é absorvido pelo cotidiano escolar reproduzindo, nas aulas, ideias alheias, nas quais encontra em planejamentos prontos ou em livros didáticos que não estimulam a reflexão. A reorientação dessa visão de si mesmo como reprodutor de ideias, para agente da própria ação educativa pode ser concretizada nos trabalhos de formação de educadores. O professor que produz conhecimento pedagógico desempenha um papel mais significativo entre seus pares e desfruta de seu trabalho, pois exercita uma prática reflexiva e, assim sendo, pode colaborar efetivamente na reflexão e discussão sobre as questões que envolvem o ensino de Artes Visuais.

É necessário ensinar a ver, a analisar, a especular, investigar. Todos os professores de Arte sabem da necessidade de estudar e conhecer a teoria da percepção, a criatividade, a antropologia, a sociologia e a estética, mas poucos estão realmente empenhados nisso (BARBOSA, 1975, p.46).

Borges e Linhares (2008) destacam que ler imagens constitui uma das novas formas de se alfabetizar no e sobre o mundo e implica ver, identificar, categorizar e inferir algo sobre elas, para compreendê-las. A percepção desse novo olhar sobre a imagem estabelece novos saberes que devem ser analisados e investigados para formação cultural e social do aluno.

A leitura das imagens do cotidiano como das obras de arte fazem com que os alunos/professores tenham uma visão diferenciada do mundo, analisando as suas especificidades, investigando as possibilidades dos significados porque a percepção é individual e contribui com a experiência.

O professor especializado em Artes Visuais ainda é raro, a tendência é de se utilizar livros didáticos de qualidade duvidosa e que padronizam o ensino, quando o saber do professor tem que ser individualizado, a partir de suas experiências docentes do seu trabalho

em sala de aula e de sua investigação diária por novas propostas que estimulem a criatividade do seu aluno.

Em pesquisa feita no Banco de Teses da CAPES, entre os anos de 2007/2011, com as palavras chave Artes Visuais, foram encontradas 45 dissertações, que usaram como metodologias: a abordagem de pesquisa qualitativa, através de estudos de casos, instrumentos de coleta de dados, entrevistas com grupos focais, observação participante, diário de campo, relações entre o processo artístico, a temporalidade e a memória.

Já com as palavras-chave Artes Visuais e Formação de Professores, foram encontradas 8 (oito) dissertações. As dissertações mostram, a partir principalmente de entrevistas com professores de Artes Visuais em escolas públicas e privadas, as fragilidades dos programas de formação, contribuindo para o fraco desempenho desses profissionais nas escolas, necessitando de cursos de extensão para uma qualificação melhor, mas que não é uma garantia de sucesso na sala de aula.

Nas 8 (oito) dissertações, foram destacadas os seguintes temas: A **compreensão crítica da arte** em mídias digitais para a formação inicial do professor de artes visuais; **práticas educativas escolares e não escolares**; **representação estética**; **processos históricos**; a construção **dos modos de ver** dos futuros docentes de artes visuais; a **constituição dos sujeitos** professores de artes visuais; **arte contemporânea** na formação de professores; **histórias de professores** de artes visuais: um **rememorar de práticas pedagógicas**; **narrativas fílmicas** e educação das artes visuais – **percursos, afetos e bricolagens** na formação inicial de professores; sobre a **formação continuada** em artes visuais: experiências narrativas a partir da **cultura visual**.

Depois do levantamento das dissertações, compreende-se a importância do tema **ensino de Artes Visuais e formação de professores**, desenvolvido na presente pesquisa, porque como vimos nos temas acima, a falta de experiência docente no ensino de Artes Visuais é flagrante, pois como se pode ter perspectivas e possibilidades sem uma vivência de sala de aula, que é um dos pontos significantes na minha pesquisa e as interferências sofridas pelos meus alunos de Pedagogia, que citam vários aspectos que contribuíram para sua formação como professor.

Nas próximas páginas é apresentada a importância da criatividade nos objetivos do ensino de Artes Visuais, sua fundamentação através de teóricos e a utilização das novas tecnologias.

5 A CRIATIVIDADE E SUAS NUANCES

A criatividade é o principal elemento estimulador no ensino da arte, por isso acho relevante mostrar as suas nuances analisadas por vários pesquisadores mostrando de como ela acontece e como é provocada.

(...) é necessário introduzir na educação a perspectiva criadora, tanto na inovação o das formas de ensino, dos sistemas educacionais, como das técnicas de aprendizagem.
[...] Os educadores que se dedicam ao campo das artes devem ter sólida formação pedagógica a fim de compreender o alcance da arte na educação, incentivando a apreciação artística, a educação visual, o desenvolvimento perceptivo através de estímulos sensoriais envolvendo objetos reais do nosso mundo de comunicação (NOVAES, 1986, p. 121).

Na visão de Novaes (1986) o ensino criativo deveria permear as metodologias de ensino e os currículos com isso o ensino de arte entra como elemento preponderante no desenvolvimento perceptivo, estimulando a sensibilidade e contribuindo com a compreensão do mundo.

Na época atual, a palavra 'criatividade' vem adquirindo conotações cada vez mais abrangentes, se a considerarmos como o elemento vital para que consigamos o equilíbrio necessário para viver no mundo conturbado de hoje. O ser criativo é o único capaz de, envolvendo-se no mundo das novas tecnologias, que é o nosso mundo, sem violentar-se e sem se manter apático e massificado, tirar partido de uma tecnologia produtiva, humanizando-a e humanizando-se. E, porque é criativo, compreende sempre e mais, desenvolvendo sua capacidade de analisar, contestar, reformular, e dá assim a sua contribuição pessoal para a construção de um mundo melhor.

Como, então, definir criatividade? Como conceituar o ser criativo? Como focar criatividade no ensino? Que implicações da criatividade podemos apontar na formação da personalidade e na inteligência?

É claro que não é nosso objetivo dar respostas definitivas a essas perguntas, nem trazer novas contribuições pessoais, vamos apenas tentar comentar as conceituações sobre o assunto, e abordar, aqui e ali, alguns tópicos de interesse mais geral.

5.1 Os conceitos de criatividade

As várias tentativas de definição do fenômeno criatividade possuem um sentido comum que consiste no elemento "novidade". Assim, neste trabalho, consideramos que a Criatividade é o processo de mudança, de evolução, na organização da vida subjetiva. Durante o ato criador manipulamos símbolos ou objetos externos para produzir um evento incomum para nós ou para nosso meio.

Aqui cabe uma observação: a novidade criadora surge, muitas vezes, do remanejamento de conhecimento existente. Em outras palavras: a descoberta, por uma pessoa, daquilo que foi revelado por outros - a redescoberta - ainda representa uma realização criadora. Segundo Margaret Mead (1959), desde que uma pessoa faz, inventa ou pensa algo que é novo para si mesma, podemos dizer que realizou ato criador. No entanto, não devemos interpretar essas palavras erroneamente, pois correríamos o risco de confundir o gênio criador de um Giotto⁷, por exemplo, que introduziu a terceira dimensão na pintura ocidental, com o estudante precoce de hoje, que por si mesmo descobre essa terceira dimensão. Este último não deixa de ser criador, mas sua criatividade é de ordem diferente, visto que ele está envolvido num complexo cultural no qual a revolução de Giotto está já incorporada.

Devemos ressaltar, ainda, a importância de não usar com gratuidade o termo criatividade, no sentido de que esta esteja apenas ligada a liberação de impulsos ou relaxamento de tensões. Como diz Kneller (1978) um desinibido bambolear de quadris dificilmente seria dança criativa, nem o simples misturar de tintas numa tela, pintura criativa. Outro aspecto importante a observar é o de não se confundir criatividade com indícios de criatividade (habilidades verbais, rapidez mental, senso de organização), da mesma maneira que criatividade com extravagância: um louco pode ser sempre um ser extravagante.

Voltando à palavra novidade, é oportuno perguntar: a solução de um problema ou situação particular constitui, em si, um ato criador, tendo em vista que o resultado representa novidade? Sim, se esta solução ou resposta à situação, além de nova, tornar o ato criador capaz de solucionar ou elucidar a situação que o fez surgir. Em outras palavras: um ato é

⁷ Giotto di Bondone (1267-1337), considerado o precursor da pintura renascentista pela sua visão humanista em suas obras.

criador, quando, além da novidade que expressa, consegue adequar uma solução a uma determinada situação.

Naturalmente, há atos criativos de relevância baseados em algo sugerido por uma fonte ou forma anterior - o que possibilitou o aparecimento do Pontilhismo de Seurat⁸, por exemplo, foi toda a experiência anterior da cor - luz dos Impressionistas.

A criatividade baseada na redescoberta inspirou a escala de imitação – criação a Kilpatrick⁹: na extremidade superior da escala estaria "a mais alta proporção conhecida de criação em relação ao modelo que existia antes e na extremidade inferior apareceria a mínima parte de criação e a maior quantidade de simples adaptação ou imitação". Partindo da premissa de que todos criam em grau maior ou menor, Kilpatrick (1952) concluiu que a escala se aproximaria da curva de distribuição normal, admitindo a criatividade aplicada a todas as linhas de empreendimento humano, e não apenas às questões estéticas. Com base na escala de Kilpatrick (1952), podemos supor que a criatividade é qualidade de que todo ser humano pode demonstrar sua maneira de viver, estando o seu grau e espécie na dependência das diferenças individuais, tanto em resultado da sua natureza como da sua educação.

"Criatividade", "criador", "criativo", "criar", tratam-se de palavras que traduzem um discurso frequente, quando se fala em educação através de arte, porém o fazem dentro de uma premissa tão genérica, que é difícil isolar e definir o conceito.

A questão do estímulo à criatividade e de como esse conceito é visualizado, estabelece uma problemática que vai além de pressupostos pedagógicos, gerando questionamentos que indagam a natureza da própria concepção de criatividade, como condição inerente de uma vocação ou uma habilidade, que depende de características que são discriminadas como inatas ou como adquiridas, gerando a concepção de um conceito que reflete a dicotomia estabelecida na sua própria origem.

No ensino de Arte, o termo criatividade foi utilizado inadequadamente, se distanciando também da ideia inicial, a da "livre expressão", passando a ser utilizado para qualificar qualquer tipo de trabalho, mesmo que este nada tivesse a ver com a ideia que se tinha de criatividade. Conforme Barbosa (1998), a ideia de "livre expressão" foi interpretada, na ação pedagógica, sugerindo a atividade livre e a criação espontânea como uma reação aos modelos rígidos do ensino de arte do final do século XIX e início do século XX. Nesse sentido, qualquer atividade mais "tradicional", por exemplo, utilizando modelos, repercutia

⁸ George Seurat(1859-1891), foi o pintor pioneiro do movimento pontilhista, também chamado divisionismo.

⁹ Willian Heard Kilpatrick(1871-1965), americano pedagogo e um aluno, um colega e um sucessor de John Dewey, foi um dos principais defensores da educação progressiva.

como atitude descontextualizada dos novos moldes educacionais influenciados pelo movimento do escolanovismo.

Desde o começo do século e, principalmente, a partir da década de 50, muitos estudiosos têm-se dedicado ao estudo da criatividade humana, observando-a de diferentes pontos de vista, como, por exemplo, o que a relaciona com a personalidade ou a abordagem cognitiva ou, ainda, o que vê criatividade como solução de problemas.

Associados à livre expressão, foram formulados os primeiros conceitos que permearam o ensino de arte, a partir da interpretação de autores como Herbert Read e principalmente Viktor Lowenfeld, os principais responsáveis pelas ideias mais significativas que fundamentaram os primeiros programas que visavam o processo de criação artística dos alunos, em detrimento ao produto final dos trabalhos realizados, principalmente, através da Educação Artística. Herbert Read (1986) apresenta, em seus estudos sobre a educação através da arte, concepções sobre o pensamento criativo e a imaginação infantil. É uma constante, em seus estudos, a defesa da ideia de espontaneidade e livre-expressão na atividade artística infantil, como é possível verificar na citação a seguir.

Segundo Read (1986):

[...] precisamos tomar muito cuidado para não atribuir valor terapêutico demasiado a essas formas de expressão livre que desejamos incentivar como parte de nossos métodos educacionais. [...] À parte qualquer outro aspecto da questão, os desenhos de uma criança, produzidos como uma atividade espontânea, são evidências diretas de sua disposição fisiológica e psicológica [...](p. 29)

Entre as concepções que Read (1986) apresenta, duas merecem um destaque especial: a que se refere ao significado da imaginação na formulação do pensamento, através das percepções do mundo externo e uma outra concepção, a que se refere ao estudo do pensamento criativo associado ao pensamento científico, como pode ser verificado na citação a seguir. Para o autor, "quando passamos a investigar a natureza do pensamento científico quanto a ser este uma atividade inventiva ou criativa, [...] descobrimos que ele também se liga às imagens". (p. 27)

O pensamento imaginativo, para Read, compõe a base dos processos de pensamento, não ocupando um lugar oposto ao da racionalidade. Segundo a teoria da Gestalt, como afirma ainda Read, a percepção capta, através dos sentidos, as imagens e sensações, que promovem o pensamento e a imaginação. Tal qual a auto expressão, que provoca o autodesenvolvimento, através do estímulo às atividades criativas, na criança.

Conforme Read (1986) referindo-se às atividades criativas:

Sabemos que uma criança absorvida num desenho ou em outra atividade criativa qualquer é uma criança feliz. Sabemos, pela simples experiência diária, que auto-expressão é autodesenvolvimento. Por essa razão é nosso dever reivindicar uma grande parcela do tempo da criança para as atividades artísticas [...].

Um outro conceito sobre a criatividade, bastante difundido, caracterizou-se por associar o objetivo da arte, na escola, com o desenvolvimento da potencialidade criativa da criança, excluindo das demais "matérias" a responsabilidade pelo ato criativo intencional.

Segundo Lowenfeld (1977), um dos estudiosos que contribuíram para a difusão da ideia da criatividade, no contexto da Arte-Educação:

A arte e capacidade criadora sempre estiveram intimamente ligadas. Durante anos, o programa artístico nas escolas públicas, tem sido o baluarte da criatividade e, com frequência, as experiências de arte e a atividade criadora significam a mesma coisa. Entretanto, com o interesse crescente na criatividade e o grande número de pesquisas, nessa área, tornou-se muito claro que é possível ter um programa artístico nas escolas, o qual não seja, automaticamente de natureza criadora. A criatividade está se tornando uma preocupação vital para muitas pessoas: precisamos compreender o processo que envolve a evolução da capacidade do pensamento criador das crianças (p. 61).

Com efeito, o termo "criatividade" passou a ser difundido no sistema escolar, principalmente associado à produção artística, contudo não devemos dissociar a capacidade criadora da evolução do pensamento criador do indivíduo, enquanto agente social, que produz experiências criativas no universo concreto das diferentes áreas do conhecimento.

Dentro do universo do conhecimento, o conceito de criatividade caracteriza a expressão de um processo cognitivo, que transforma a realidade e produz o "novo", rompendo com as barreiras do conhecido, estabelecendo novas relações.

Para Lowenfeld (1977):

A definição de criatividade depende de quem a exponha. Com frequência, os pesquisadores são algo limitados em suas explicações, enunciando que a criatividade significa flexibilidade do raciocínio ou fluência de ideias; ou também pode ser a capacidade de transmitir novas ideias ou de ver as coisas em novas relações; em alguns casos a criatividade é definida como a capacidade de pensar de forma diferente das outras pessoas. (p.62)

As definições encontradas, segundo a citação anterior, refletem a constante associação do conceito de criatividade com a capacidade de inovação, que, na verdade, são um tanto redutoras, refletindo apenas parte do que consiste o processo criador, o qual envolve um desenvolvimento mais elaborado dos processos do pensamento.

Segundo os estudos realizados por Novaes (1986), propondo uma análise sobre algumas das concepções mais significativas para a definição do conceito sobre criatividade, a autora passa a comentar algumas das definições mais expressivas por representarem concepções psicológicas importantes.

Torrance (1976, apud NOVAES, 1986, p.18) registra: Criatividade é um processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos ou lacunas nos conhecimentos, e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses, possivelmente modificando-as, e a comunicar os resultados. Segundo Novaes, Torrance propõe o conceito de criatividade associado à solução de problemas, a partir do levantamento de hipóteses e de sua investigação, o que caracteriza o processo criativo que tem função cognitiva e que está intimamente ligado ao pensamento reflexivo.

Ainda sobre as concepções de Torrance (1976) sobre criatividade, cabe salientar que o mesmo fundamentou seus estudos através de medidas, testes e avaliações sobre o potencial criativo, analisando testes de QI, estabelecendo algumas diferenças entre a capacidade criativa e o nível de inteligência de algumas crianças.

Conforme Torrance (1976, p.22):

Nós diferenciamos as crianças altamente criativas (identificadas por nossos testes de pensamento criativo) das altamente inteligentes (identificadas pelo Stanford-Binet, um teste aplicado individualmente). O grupo altamente criativo classificou-se nos 20 por cento superiores quanto a pensamento criativo, mas não quanto a inteligência. O grupo altamente inteligente classificou-se nos 20 por cento superiores quanto a inteligência, mas não quanto a criatividade.

Analisando os estudos de Torrance (1976), pode-se crer que as "competências" exigidas pela criatividade não são as mesmas ou da mesma maneira que as exigidas pela inteligência, no sentido do padrão de pensamento racional e formal. A criatividade parece habitar o cenário do imaginativo, da busca de alternativas não convencionais, enquanto a inteligência formal habita o cenário das inferências prontas ou previstas. É a constatação da relação dicotômica entre o que é da razão e o que é da sensibilidade. Entre razão e imaginação.

Sobre outras definições relacionadas ao conceito de criatividade, entre os estudiosos que Novaes comenta, encontra-se Guilford (1964). Para Novaes (1986), Guilford (1964) afirma, simplesmente, "que criatividade, num sentido restrito, diz respeito às habilidades, que

são características dos indivíduos criadores, como fluência, flexibilidade, originalidade e pensamento divergente, relacionando o processo aos fatores e variáveis isoladas e avaliadas”.

As habilidades a que Guilford (1964) se refere, caracterizam atributos especiais "que são características dos indivíduos criadores". Tal concepção gera uma constante no discurso sobre criatividade: a de que a mesma, assim como é compreendida, é um atributo especial de alguns indivíduos que apresentem determinada aptidão. Numa relação dicotômica, encontramos sua definição calcada na ideia de que a criatividade é uma característica do pensamento e imaginação humana, porém existe a noção de diferenciação que supõe graus ou níveis de criatividade, subentendendo maior ou menor aptidão para algo proposto inicialmente como inato.

George Kneller (1978), importante estudioso da criatividade que, como Novaes, fundamentou seus estudos em pesquisadores da Psicologia, afirma que Rogers apresenta duas possibilidades de conceituação para a criatividade. Uma delas se refere a um certo tipo de comportamento, caracterizado pela intuição e pela espontaneidade. A segunda, pela auto-realização, sendo, neste sentido, criativa a pessoa que realiza suas potencialidades como ser humano. Conforme Kneller, sobre o conceito de criatividade para Rogers, (1973):

Criatividade, declara Rogers, é auto-realização, motivada pela premência do indivíduo em realizar-se.[...]A criatividade, diz Rogers, tem certas condições interiores. Uma delas é, repetimos, 'a abertura a experiência' ou a capacidade de responder a coisas, tais como são elas, em vez de o fazer mediante as categorias convencionais. Isso implica flexibilidade nas crenças da pessoa e em suas percepções, bem como tolerância em face da ambiguidade, sem forçar interpretações.

A questão da flexibilidade como característica do comportamento criativo relaciona-se, como pode ser verificado, aos estudos tanto de Guilford como de Rogers. Além da flexibilidade, outras características são comumente empregadas para identificar o comportamento criativo, tais como a fluência, a elaboração e a originalidade.

Esta introdução à estrutura da capacidade do pensamento e como ele é dividido, caracteriza uma análise da criatividade voltada para o estudo da inteligência humana, onde a categoria das capacidades produtivas seria a responsável pelo pensamento convergente e divergente.

Constatou-se que a concepção de criatividade se estabelece numa bipolaridade: primeiro entre imaginação e pensamento, depois entre pensamento divergente e convergente, afirmando a relação dicotômica por que perpassa o conceito, dispondo, em posições

transitoriamente opostas, os processos de criação e os processos da inteligência, enquanto pensamento lógico formal.

Os diferentes conceitos analisados refletem as concepções presentes, relativos ao papel da educação através da arte e do desenvolvimento da criatividade como um dos objetivos do ensino de arte. É possível concluir que criar e ser criativo dependem do desenvolvimento e do estímulo, de maneira a possibilitar a estruturação de um conhecimento que habilite a produzir sua própria representação artística, nas mais diferentes linguagens.

5.2 O conceito de Carl Rogers

Segundo Novaes (1986), Carl Rogers define a criatividade como a emergência de um produto relacional novo, resultante, por um lado, da unicidade do indivíduo e, por outro, dos materiais dos eventos de outros indivíduos e das circunstâncias da sua vida.

Na perspectiva de Rogers, uma pessoa é criativa dentro da sua individualidade e na relação com outros indivíduos e circunstâncias de vida. Com essa proposta há a inclusão do contexto, como participante do processo criador, migrando a concepção do ambiente anteriormente citado, o universo inatista das aptidões, para um processo criador que é influenciado pelas correlações estabelecidas com o meio, em que o indivíduo, potencialmente criativo está inserido.

Ainda segundo Novaes (1986), Rogers proporcionou uma grande contribuição para o campo da criatividade, "[...] reforçando a tese da auto-realização, motivada pela premência do indivíduo de se realizar, de exprimir [...]. Assim, para Rogers, uma pessoa é criativa na medida em que realiza suas potencialidades como ser humano".

Para Rogers, ensinar é mais que transmitir conhecimento – é despertar a curiosidade, é instigar o desejo de ir além do conhecido. É desafiar a pessoa a confiar em si mesmo e dar um novo passo em busca de mais. É educar para a vida e para novos relacionamentos.

A sobrevivência é um estímulo ao aprendizado, desde que o conhecimento transmitido seja imutável. Quando uma pessoa vive em um ambiente hostil e nesse existem novas situações constantemente, do que adianta o conhecimento transmitido por seus ancestrais? Ainda mais hoje, no mundo globalizado, tudo se transforma muito rápido, inclusive o conhecimento científico. Nada é garantido, nem mesmo o conhecimento de hoje¹⁰.

¹⁰ AZEVEDO, Lisa de Mello Kerr. Concepção de Carl Rogers sobre aprendizagem

O ensino-aprendizagem é uma troca de experiências e saberes, percebemos que Rogers enfatiza a estimulação da curiosidade do aluno com propostas criativas, provocando estímulos através de um planejamento mutável, conforme a necessidade, mas que desenvolvesse o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem e de criação de hábitos de trabalho.

5.3 A Criatividade como fator abrangente

De início, é preciso esclarecer a alguns de que, ao contrário do que pensam, a criatividade não é privilégio das artes; ao contrário, tão criador como o artista é, por exemplo, o cientista.

E segundo Dewey (1910, apud NOVAES, 1986, p.61):

Somente a psicologia que separou coisas que na realidade pertencem ao mesmo conjunto, sustenta que os cientistas e os filósofos pensam, enquanto os poetas e pintores seguem suas sensações. Em ambos, e na mesma extensão, na medida em que são de hierarquia comparável, existe pensamento emocionalizado e há sentimentos cuja substância consiste em sentidos ou ideias.

Com efeito, podemos dizer que tanto o escritor quanto o cientista dependem da "inspiração" ou da misteriosa fusão secreta de ideias no subconsciente. Como disse Braque¹¹ (1882-1963): "Há certos mistérios, certos segredos em minha própria obra que eu mesmo não consigo entender, e nem tento fazê-lo... Quanto mais se sonda, mais se aprofunda o mistério: este fica sempre fora de alcance. É preciso respeitar os mistérios, se queremos conservar-lhes a força". Estas palavras do grande artista francês, que abrangem todo o complexo criativo e têm como tônica o termo "mistério", vêm enfatizar o fato de que, por mais racional que pretenda ser o estudo do fenômeno criativo, as abordagens científicas e intuitivas completam-se mutuamente, se considerarmos, sobretudo, que a ciência da criatividade está, ainda, dando seus primeiros passos.

Disponível em: <<http://www.elisakerr.wordpress.com/concepcao-de-aprendizagem-de-carl-rogers/>> . Acesso em: 25 jun. 2012.

¹¹ Georges Braque e Picasso foram os criadores do movimento modernista do Cubismo que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas.

Os depoimentos acima são complementados por Kneller (1978) de maneira incisiva: "Na realidade, jamais se poderá entender a criatividade, em sua natureza mesma, por meio de termos inteiramente científicos, porque é inconcebível que se possa gerar e controlar uma gama representativa de processos criativos, medindo-lhes e prevendo-lhes as consequências. Como fenômeno no natural, pode-se investigar a criatividade cientificamente. Mas sendo, também, uma forma de comportamento humano as diferenças individuais estabelecem limites ao que a ciência pode realizar (p. 84)".

Pode-se notar a importância dessas palavras nas suas implicações com o processo educativo. Com efeito, mesmo se considerarmos as diferenças individuais, é humano tratar os indivíduos em certos processos vitais, como o criativo, como se eles fossem iguais – cada criança deve, pois, ter a mesma oportunidade de expressar seus dons criadores.

5.4 O comportamento criativo

Enfatizamos aqui o fato de que todos os indivíduos têm potencial criador, podendo desenvolvê-lo em diversos graus de intensidade. De modo geral, podemos dizer que o ser criativo precisa, antes de tudo, de não estar condicionado a ideias preconcebidas, não permanecer na repetição daquilo que foi ensinado e assimilado, não ter uma atenção fragmentária, não ficar cristalizado na maneira de pensar ou fazer, mas sim tentar sempre novas abordagens, penetrando e percebendo novas relações .

Kneller (1978) destaca as seguintes características básicas do comportamento criativo: Receptividade à estimulação do meio-ambiente; Possibilidade de recolhimento ou imersão interna; Capacidade de imaginação e julgamento; Espírito de indagação e curiosidade; Uso adequado e proveitoso dos erros; Amplitude e fertilidade de abordagens; Submissão à obra de criação, pois o produto criado ganha vida por ele mesmo.

Na visão de Fritzen e Moreira (2011):

[...] enlaçando a criação com a pesquisa, ensaio pensar o processo de criação artística como um processo de registro. Registrar é reconhecer-se e compreender-se sujeito da história e da memória. É ver-se sujeito da linguagem, isto é, capaz de expressar-se nas mais variadas nas mais variadas linguagens. (p.32)

O maior desafio do registro é fugir do estereótipo e do ritualístico; abandonar velhas práticas. Aquele que registra- portanto, que produz, que cria – necessita aprender a escutar, observar e ver o que passa despercebido no cotidiano; investigar tudo o que gira em torno de seu interesse, de seu tema de pesquisa e que, de forma direta e indireta, sempre em permanente diálogo com a imaginação. (p. 33)

Acreditamos que a criatividade é qualidade que todo ser humano pode demonstrar em sua maneira de viver. As possibilidades do registro criativo vêm de sua experiência como de sua educação, os seus saberes é que vão possibilitar o processo criativo que irá se desdobrando em uma obra única, em um processo de transbordamento de suas vivências particulares.

5.5 Criatividade e educação

Podemos dizer que foi somente na última década que os educadores começaram a compreender que a criatividade é tão natural no estudante médio quanto no gênio e que o importante em educação é que mobilizemos o potencial criativo em todo o assunto de que tratamos. É necessária a conscientização de que a criatividade não é processo isolado, mas um componente de muitas espécies de atividades, e que promover o pensamento criativo do educando implica em que o educador seja ele próprio, criativo.

Relato de Kneller (1978) a este respeito:

Sabemos que boa parte da desordem da mocidade contemporânea e a explosão de energia potencialmente criadora que não acha válvula de escape. Nas escolas essa energia é frustrada pelos regulamentos planejados para manter em ordem massas de jovens, fazendo-os comportarem-se em uníssono. É frustrada também, por mestres cansados e com excesso de trabalho, que não podem dedicar tempo a alimentar a criatividade do indivíduo, porque precisam lutar em meio a trama impessoal de pormenores administrativos, de orientação em massa e de processos de aconselhamento para instilar em suas classes abarrotadas os requisitos básicos de um programa estereotipado. Quanta delinquência acabaria se um professor - soberbamente preparado, soberbamente remunerado - tomasse, como um médico, a responsabilidade da educação e a orientação pessoal geral de dez ou doze jovens! (p. 118)

A aprendizagem não é um processo repetitivo, dois alunos não são iguais, o mundo ao redor deles muda constantemente, suas experiências e saberes são diferentes. É de se esperar que os professores se dediquem a um processo criativo na elaboração de suas metodologias e de seus programas para que possamos desenvolver um aprendizado dinâmico e atraente na sala de aula.

Para Duarte JR.(2012):

Na arte-educação, o que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo criação. O processo

pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo à sua volta. A finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética¹².(p.73)

As estratégias usadas para desenvolver as propostas de trabalho devem favorecer o processo artístico, o aluno deve se envolver nesse processo de forma que crie hábitos de trabalho que serão absorvidos pelos seus saberes e esse envolvimento favorecerá o aprendizado na solução de problemas.

5.6 Criatividade e tecnologia

É o próprio avanço tecnológico do homem, que se processa em nossos dias com espantosa rapidez, que determina uma ênfase cada vez maior no que concerne à ocorrência dos processos criativos. Em outras palavras: o desenvolvimento cada vez maior da tecnologia corresponde ao desenvolvimento da criatividade e capacidade inventiva do indivíduo.

Uma das mais recentes conquistas tecnológicas da área da comunicação e expressão são os computadores. Eles têm provocado grandes transformações em todos os campos, inclusive no da produção artística. Eles tornaram muito mais ágeis as diversas etapas da produção artísticas de outras linguagens – como a edição de imagens no cinema – oferecendo novos recursos à criatividade dos artistas. Fotógrafos utilizam os recursos eletrônicos para transformar suas fotografias, músicos lançam mão de sintetizadores e artistas gráficos conseguem milagres na tela dos computadores (COSTA, 2002, p.99).

O mundo fica cada mais visual através de celulares, computadores, televisões, aonde existe um turbilhão de informações, de diversos tipos: imagens, textos, animações, vídeos, que devemos direcionar para o aprendizado, explorando os conteúdos de arte que irão fomentar a experiência do aluno na criação de seus códigos pessoais contribuindo para a sua criatividade.

Compreendemos que a formação docente deve passar pelo conhecimento de novas ferramentas digitais, como programas de tratamento de imagens, editores de vídeo, animações 2D e 3D e desenho digital, pois esse é o mundo do nosso aluno, em que ele experimenta pinceladas diferentes, cores diversificadas e composições que podem ser salvas a qualquer momento e transformadas em novas composições.

¹² Estética é um ramo da filosofia que tem por objeto o estudo da natureza do belo e dos fundamentos da arte.

A abordagem teórica-metodológica é o tema do próximo capítulo, uma fundamentação com os principais teóricos sobre Artes Visuais e Formação de Professores, que oferecem uma sustentação para meu objeto de pesquisa.

6 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Ernest Fisher (1973) no seu livro sobre a Necessidade da Arte cita que o homem mostra os aspectos positivos da linguagem artística que promove em uma sociedade solidária. Segundo Fisher (1973) a arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que seja consciente de sua função social.

O ensino de Artes Visuais é um componente muito importante em qualquer currículo, no desenvolvimento de projetos interdisciplinares, no contato com as diversas culturas, no conhecimento do ser humano reflexivo e transformador capaz de adquirir experiências e capacidades para contribuir com a sociedade.

O desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo. Sente que só pode atingir a plenitude se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que um homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias (FISHER, 1973, p.13).

O compartilhamento das experiências é o que dá sentido ao objeto de arte produzido pelo homem, ele quer mostrar o seu interior em associação e circulação de ideias através de um registro na sua expressão na arte, isso potencializa a sua humanidade e o conduz a ser autor da sua história.

Viktor Lowenfeld (1973) fez uma preciosa pesquisa sobre o desenvolvimento da capacidade criadora da criança na pré-escola até o jovem do ensino médio, mostrando a importância da Arte como elemento conciliador dos conteúdos desenvolvidos. De acordo com este autor, as fases da criança: garatujas, tentativas de representação e conquista da forma, irão contribuir com a coordenação motora fina, o desenvolvimento da observação do mundo que o cerca, além de contribuir com a linguagem escrita e oral na descrição dos desenhos produzidos.

Um método diferente de desenho tem início — a criação consciente da forma. Esta fase promana, diretamente, das últimas etapas das garatujas. Embora os desenhos, propriamente ditos, não tenham aspecto particularmente diferente aos olhos do adulto, este período do desenvolvimento é, para a criança, muito importante. Agora, ela cria, conscientemente, modelos que têm alguma relação com o mundo à sua volta. Este trabalho consciente de formas adquire grande significado, se compreendermos que se trata do início da compreensão gráfica. Os traços e as garatujas perdem, continuamente, suas relações com os movimentos corporais e passam a ser controlados, relacionando-se com objetos visuais. Quando rabisca, a criança se encontra principalmente envolvida numa atividade cinestésica, mas, nesta nova etapa, está empenhada no estabelecimento de uma relação com o que pretende representar. Isto lhe proporciona profundo sentimento de satisfação (LOWENFELD, 1973, p.13).

A criança na fase da garatuja desordenada fica satisfeita em criar movimentos, já na fase da garatuja ordenada ela pretende criar um padrão circular que se repete na folha desenvolvendo uma organização espacial, acontece então o domínio sobre o equilíbrio, que irá facilitar a sua coordenação motora fina e refletirá na linguagem escrita.

Célestin Freinet (1896-1966), possuidor de uma profunda consciência social, abandonou os tradicionais manuais escolares e criou com seus alunos um material de trabalho que respondia às questões que lhes eram postas pela vida, passo a passo com a constituição de conhecimentos sobre as diferentes áreas do saber. Em 1924 escreveu um texto intitulado "Abaixo os manuais escolares" que, à época, revolucionou as ideias sobre os pesados compêndios escolares que serviam de apoio à educação de crianças e adolescentes. Manuais daquele tipo, enciclopédicos, não tinham nenhuma relação com a vida e lidavam com os conteúdos de forma fragmentada. Freinet (1935) sugeria que professores e alunos construíssem seus próprios textos e fichas de estudos.

Segundo a professora Maria del Cioppo Elias¹³, Freinet condenava as instalações das escolas tradicionais, próprias do sistema capitalista, que privilegiavam a acumulação de conhecimentos em detrimento do equilíbrio pessoal e da harmonia social. Para ele, a escola deveria estar intimamente ligada à sua realidade social externa, colaborando em todas as atividades produtivas e integrando os alunos ao contexto histórico em que viviam. Nesta época, Freinet introduziu a imprensa na escola como uma nova atividade entre os alunos. A produção de um jornal pelos estudantes se tornaria um dos símbolos de sua pedagogia.

A pesquisadora Rosa Iavelberg (2003) nos mostra a realidade brasileira no ensino da Arte com relação ao papel do professor e sua formação, objetivos, conteúdos, orientações didáticas, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, níveis de compreensão estética,

¹³ ELIAS, Marisa del Cioppo. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Neste livro, a autora relata a história de Freinet e mostra, num texto rico e de fácil compreensão, o funcionamento do modelo pedagógico desenvolvido pelo educador.

Artes Visuais e as novas tecnologias e o histórico das tendências pedagógicas. Iavelberg derrota a concepção convencional que vê a aula de Artes Visuais como mera pausa inserida no estudo de conteúdos tidos como mais importantes, determinando o ensino e a aprendizagem de Artes Visuais como parte essencial e articulada da formação dos professores e de seus alunos.

O professor, observador privilegiado das ações do aprendiz, pode avaliar o tempo todo, obtendo indicadores para as suas intervenções. As necessidades dos alunos precisam ser detectadas e eles, apoiados, para que desenvolvam uma boa imagem de si mesmos como estudantes que conseguem aprender. O professor é responsável pela aprendizagem dos alunos. É necessário planejar atividades diferenciadas para os alunos, quando eles têm dificuldades. (IAVELBERG, 2003, p.120).

Os textos de Larrosa (2001) conseguem apoderar-se do nosso corpo, com sua linguagem filosófica sobre a palavra, a memória e principalmente sobre a experiência, deixa marcas na nossa alma, na nossa subjetividade transbordando os nossos saberes.

Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (LARROSA, 2001, p.28).

Toda essa reflexão de Larrosa (2001) sobre a paciência, a calma e a sabedoria de saber ouvir vem de encontro com as relações entre o professor e o aluno, nos dias de hoje, quando a pressa predomina na sala de aula, pressa para acabar os trabalhos, pressa para ficar disponível para os “eletrônicos”, pressa para não escutar as orientações do professor e nem menos as contribuições dos colegas, portanto esse é o grande desafio da educação atual, resgatar o saber olhar, o saber sentir, ter opinião através das reflexões e cultivar a observação dos detalhes.

Nóvoa (1991) trabalha com formação do professor e das relações da escola e a sociedade como a busca de uma educação eficiente, com todas as dificuldades do mundo moderno. Desenvolve o protagonismo do professor na tarefa da valorização da educação, a especialização de sua ação educativa, com o seu trabalho, tem uma grande importância social. A sua preocupação com a formação contínua dos professores sempre está comprometida com a vontade política do estado e dos programas de formação das Universidades. Para o autor,

[...] os professores têm uma presença cada vez mais activa (e intensa) no terreno educacional: o aperfeiçoamento dos instrumentos e das técnicas pedagógicas, a introdução de novos métodos de ensino e o alargamento dos currículos escolares dificultam o exercício do ensino como atividade secundária ou acessória. O trabalho docente diferencia-se como “conjunto de práticas”, tornando-se assunto de especialistas, que são chamadas a consagrar-lhe mais tempo energia (NÓVOA, 1991, p.13).

Ana Mae Barbosa (1975), principal pesquisadora do ensino de Arte no Brasil e criadora da Proposta Triangular: Apreciação (leitura de imagens), Fazer Artístico (releitura) e História da Arte (movimentos artísticos e contexto histórico). O seu estudo com relação ao ensino de Artes Visuais, tem como característica a arte como representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças.

6.1 A Pesquisa

Esta pesquisa exploratória busca questionar alunos/professores de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, como foi o processo vivido durante a disciplina de Artes Visuais na formação de professor. No desenvolvimento da pesquisa foram utilizados questionários com 4 questões abertas para investigações mais precisas, especificando o tema ensino de Artes Visuais e formação de professores. O questionário visa buscar analisar percepções e experiências em relação ao ensino e às práticas desenvolvidas nas aulas de artes visuais, e se as pesquisas dos seminários de história da arte contribuíram para a sua formação cultural.

A fundamentação de análise dos achados é de acordo com a tematização conforme proposta por Fontoura (2011).

Demarcação do que será considerado relevante, delimitando o corpus de análise, sob forma de exploração do material com vistas à codificação, inicialmente com recortes do texto em unidades de registro, que podem ser ideias, palavras, frases, metáforas, enfim, passagens que pareçam ao pesquisador significativas para seu trabalho (FONTOURA, 2011, p.10).

O registro fotográfico de atividades desenvolvidas com as turmas durante a pesquisa, a partir das fotos que me remetem às lembranças de sala de aula, momentos que marcaram minha experiência docente e a vivência dos alunos. Para analisarmos o material contamos

com a contribuição de Alves (2004), que no diz sobre como podemos olhar registros em imagens na pesquisa que desenvolvemos:

[...] relacionando imagem e narrativa, buscando aqueles significados que nos foram aparecendo, nas redes de práticas, estudos e pesquisas em que nos incluímos, invocando o leitor para que busque outros significados no que vai ler e ver, a partir de suas tantas redes cotidianas de viver e pesquisar e das múltiplas conexões que estas lhe permitem fazer, para além daquela que apresentamos (p.22).

A história das imagens, que foram contadas no capítulo As Imagens e suas Histórias, mostra os momentos diversificados de uma sala de aula, em que os alunos estão produzindo seus trabalhos em arte, mostrando suas variantes em termos de comportamento, socialização, adaptação ao espaço e as novas tecnologias.

Os saberes dos futuros professores acontecem em diversas ocasiões, favorecidos pela diversificação de atividades, como no desenvolvimento de pesquisas que estimulem o conhecimento reflexivo e mostrem novas significações.

Qualquer motivação artística deve estimular o pensamento, os sentimentos e a percepção da criança. Para que tenha êxito, a motivação deve fazer da experiência artística muito mais do que simples atividade; deverá estimular a consciência do meio, por parte da criança, e fazê-la sentir que a atividade artística é extremamente vital e mais importante do que qualquer outra coisa. Também o professor deve sentir que essa é uma valiosa atividade e identificar-se com ela, ao considerar-se parte integrante dessa motivação. Se o adulto permanecer fora da motivação e orientar simplesmente a atividade artística, não poderemos esperar que as crianças se mostrem interessadas (LOWENFELD, 1973, p.9).

Na docência do ensino superior na área de Artes Visuais, temos vivido experiências significativas que podem servir de disparador para as análises e reflexões sobre práticas e formas de desenvolver didaticamente a área de Artes.

Figura 18 – Desenvolvendo propostas de arte



Legenda: releitura sobre Miró, Universidade pública.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.



Legenda: flores fragmentadas, Universidade particular.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.

A motivação é um problema grave da escola, as fotos acima mostram propostas desenvolvendo desafios diversificados, então a cada nova proposta um novo desafio e sem a utilização de materiais sofisticados, geralmente em uma sala sem pia são usados lápis de cor, bloco A4, hidrocores, lápis grafite, caneta fina, borracha e régua. Com isso, o importante na criação de uma proposta é a ideia de desenvolver os conteúdos de arte, harmonias cromáticas, composição plástica, linha, ponto, equilíbrio, ritmo e técnicas variadas, com a valorização da observação como elemento importante na criação de formas personalizadas, motivando o aluno a novos desafios e fomentando o trabalho de autoria.

O professor com suas estratégias pode vir a realizar um planejamento que motive e desafie o seu aluno a novas descobertas, que estimule a concentração, a reflexão e desenvolva os hábitos de trabalho, por isso mesmo é importante a atualização do professor para acrescentar novos saberes além das suas da experiência de trabalho. Os professores sabem mais do que dizem, que seu “saber agir” ultrapassa seu “saber pensar”, em suma, que seus saberes excedem sua consciência ou sua razão.

As abordagens autobiográficas (não apenas num sentido pessoal, mas geracional), as práticas de escrita pessoal e coletiva, o desenvolvimento de competências “dramáticas” e relacionais ou o estímulo a uma atitude de investigação deveriam fazer parte de uma concepção abrangente de formação de professores.

A noção de experiência também foi desenvolvida por Larrosa (2001). O autor relaciona a sua proposta à educação, dizendo que nomear as práticas pedagógicas não é somente uma questão terminológica: “as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou que sentimos são mais do que simplesmente palavras” (LARROSA, 2001, p.33). As palavras criam sentidos. O autor, com isso, não procura denominar uma postura, mas desenvolver uma prática; propõe pensar a educação a partir de uma possibilidade mais existencial e estética, valendo-se da experiência.

6.2 Os Achados

Os questionários foram utilizados em turmas de Pedagogia, no segundo semestre de 2013, da FFP/UERJ contabilizando 65 questionários distribuídos e 42 devolvidos, abordando as perguntas através de vários temas. Com os questionários analisamos o perfil do

aluno/professor com relação à disciplina de Artes Visuais, suas vivências, seus novos saberes e sua experiência adquirida.

Com relação ao primeiro tema, o que a arte representa para cada um, encontramos os temas mais relevantes para a pesquisa. A necessidade do ser humano de se expressar através da arte é de uma forma individual que isso acontece, cada pessoa faz sua representação do que ela entende de que seja a arte, conforme a sua experiência na escola de como ela foi estimulada através de desenhos, expressão corporal e o desenvolvimento da oralidade, todos esses elementos representam a formação da sensibilidade e de uma compreensão da representatividade da arte dentro do seu universo pessoal. Encontramos nesse tema referência à **maneira de ver e sentir o mundo**; apontamos que há formas diferentes nessas maneiras, oral ou gráfica, de sentimentos ou palavras, de forma genérica, ou você pode trazer uma novidade ao problema formulado, sensibilidade no ver; possibilidade de ver o mundo de outra maneira; reflexão sobre cultura.

Apareceram também referências aos **processos de aprendizagem**, falando de novas estratégias, interdisciplinaridade, relação professor-aluno, formação do ser humano; quebra do cotidiano; importante para minha formação como professora e minha forma de educar; aprendizagem de forma prazerosa; alternativa para o docente entender e conhecer melhor seu aluno.

Finalizamos com a **questão da arte**, o que ela representa: ferramenta no processo de formação do conhecimento; reflexões do educando para novas perspectivas; desenvolvimento da ludicidade; diversidade nas propostas criando aulas mais dinâmicas; disparador de experiências; transformar a realidade; percepção estética; Importante instrumento para desenvolver a percepção.

Analisando o segundo tema, construção do conhecimento através da arte, reconhecemos neste tema **o autoconhecimento, a percepção, a sensibilidade e criatividade**; destacamos algumas habilidades, coordenação motora; concentração e pesquisa; desenvolvimento de um olhar sensível; possibilidade de reinventar o mundo; incentiva a auto expressão; estimula a reflexão e a experimentação; favorece o cognitivo; percebe as harmonias cromáticas; interpretação de imagens através de experiências estéticas; organiza sua orientação espacial; capacidade de raciocínio e interpretação; trabalha a autonomia e o coletivo estimulando o querer fazer; contribui com a construção da identidade.

Observando o terceiro tema, contribuições da disciplina de Artes Visuais para sua formação como professor, temos como destaque **uma nova maneira de transmitir o conhecimento**; a liberdade de expressão; ampliação do conhecimento do professor; aceitar a

diferença; estimula o desejo de aprender; ter contato com a história da arte e o seu processo histórico cultural; ter um novo olhar sobre a vida; desenvolver várias habilidades; construção do pensamento crítico; trabalhar o cognitivo da criança; instrumento para melhorar o desempenho do meu trabalho; momentos de suspiros com tempos de produções autogestionárias; interação com o aluno; possibilita uma gama de informações que ampliam os meus horizontes.

Com relação à pergunta 4, questão aberta para relatos feitos pelos participantes da pesquisa, solicitando uma descrição de algum fato relacionado à importância da Arte na formação de professores e nos processos de ensino-aprendizagem, relação ensino-aprendizagem, encontramos falas que dialogam com nossa experiência inicial relatada nesse trabalho, a de viver as farpas do trabalho docente e a de retirar essas farpas, juntando as serragens coloridas e fazendo novas obras e novas composições. A Arte é um elemento facilitador das relações na sala de aula entre o professor e o aluno, porque a subjetividade é desenvolvida através de desafios que estimulam a criatividade do aluno e provocam no professor a busca de soluções para cada pergunta individual, essa procura de respostas faz com que o aluno e o professor caminhem na mesma direção, favorecendo as relações.

6.3 Retirando as farpas

Retirando a farpa sempre fica a ferida que vai cicatrizando com o tempo; como professor aprendi mais com as feridas, elas enriquecem a experiência docente, com elas as estratégias mudaram para melhor favorecendo o planejamento e o envolvimento com os alunos. Algumas farpas não são retiradas totalmente e elas ficam ali incomodando; como professor, vivo incomodado com a minha prática e isso é um elemento importante para o crescimento profissional, nunca estar pronto é a necessidade de ser inaugurado.

Nos relatos abaixo veremos aspectos da formação do professor nas falas dos entrevistados, que nos trazem suas percepções sobre arte como ensino, seu papel, suas perspectivas e contribuições:

¹⁴(Apollo) *Atualmente, eu não trabalho na área da educação, mas tenho muitos conhecidos que são professores e tem experimentado o auxílio da **arte como meio facilitador no desenvolvimento da escrita e na leitura do mundo** através de quadros artísticos, e até mesmo de suas representações pessoais de mundo.*

(Brenda) *Há muitos anos presenciei em uma salinha de ensino para crianças de 4 ou 5 anos, uma menina que tinha desenhado uma imagem triste e só desenhada com a cor preta. Não me lembro exatamente o que era o desenho, mas o que marcou foi o fato de que o que ela estava sentindo naquele momento foi transpassado pro papel. Isso é para ser observado, **pois nosso aluno pode estar clamando por ajuda através dos desenhos.***

(Camilla) *Uma situação foi nas aulas de artes e ludicidade, onde a turma foi dividida em grupos e tivemos que falar sobre vários artistas, e os grupos foram bem criativos, alguns trouxeram lanche, outros fizeram uma oficina, outros deram brindes, e dessa forma podemos **aprender um pouco mais sobre alguns artistas de maneira mais divertida.***

(Ana Carolina) *A melhor situação ou experiência vivida por mim na disciplina de artes foi a **aquisição de alguns conhecimentos nesta área e o ganho de habilidades no desenho, na pintura e nas técnicas das cores.** Métodos que foram aperfeiçoados e melhor desenvolvidos por mim em sala de aula.*

(Daniele) *Todas as aulas de artes me levaram a conhecimento **da importância das artes em relação de ensino-aprendizagem,** e de como trabalhar as crianças e desenvolver varias atividades relacionando as artes.*

(Dulcinéia) ***Crianças que se interessaram por determinado assunto (conhecimento) quando usei métodos artísticos.** Na igreja que frequento trabalho com ensino infantil e eles respondem muito bem quando faço uso da arte para ensinar algum princípio.*

(Fabilene) *Sou fonoaudióloga, e pude perceber o quanto aluna, que **poderia utilizar várias técnicas aprendidas na aula de artes para estimular a atenção visual dos meus pacientes e acabei obtendo assim, respostas positivas no tratamento.***

¹⁴ Os nomes dos alunos são verdadeiros e foi autorizado seu uso para fins dessa pesquisa.

(Jaqueline) *Quando olhei a grade, pensei em deixar a matéria para depois, mas ouvi falar que o Rogério tirava "leite de pedra" então resolvi tentar. E hoje percebi que para olhar para uma obra de arte, preciso saber algumas coisas: Quem é o artista? Em que época viveu? **Comecei não só a olhar, mas entender as obras**, a partir dessas informações. E sem contar a segurança que as aulas despertaram em mim, em olhar para algo e pensar em estratégias para conseguir desenvolver aquela atividade. Hoje em dia não digo que não sei fazer, tento sempre fazer.*

(Laís) *A relação com a Arte tem se dado do decorrer do curso de Pedagogia, **após as aulas de Artes visuais pois, a partir do que produzi e aprendi, tenho levado para outras matérias**, usando os artistas ou as obras, ou mesmo a capacidade de criar para explicar conceitos e ampliar os métodos de ensino.*

(Lorena) *A situação que vem ocorrendo sempre no meu dia-a-dia é a questão de cortar, de ser criativo, de pintar, de ter paciência para realizar algumas necessidades que sou "obrigada" a fazer enquanto professora, que são as lembrancinhas de datas comemorativas. **A arte me ajudou e tem me ajudado**, pois se não houvesse aquele esforço durante as aulas que tive, onde eu não gostava nada de fazer, pois não tinha a paciência e me achava pouco criativa, hoje eu agradeço.*

(Luciano) *Notoriamente utilizada em atividades com crianças com necessidades especiais de ensino, justamente **devido à abordagem lúdica**.*

(Luiza) *As aulas do professor Rogério Coutinho, nas disciplinas Arte I e II, no curso de Pedagogia, pude ao mesmo tempo aprender com novas técnicas de pinturas, conhecer a história da arte, ter um novo olhar em relação à arte, como **também ensinei o que eu aprendi para amigos e parentes**, passando todo o meu conhecimento, e estimulando as pessoas a terem mais curiosidade para conhecer e se aproximar da arte.*

(Maryllin) *Estou exercendo o cargo de auxiliar de creche numa turma de maternal em uma escola particular na cidade de São Gonçalo e posso constatar com base **em minhas observações o quanto as crianças se interessam pelas atividades artísticas** desde muito pequenas. Elas se mostram muito interessadas quando a professora propõe alguma atividade envolvendo o desenvolvimento artístico das mesmas.*

(Mirielem) *Como professora, posso observar que quando usamos a arte, seja ela visual ou não, os **alunos sentem prazer em aprender**, prestam mais a atenção, desperta a criatividade e imaginação. As crianças gostam e pedem para fazer atividades em que se trabalhe a arte.*

(Rafaela) *Em um projeto que estou inserida do PIBID-CAPES-UERJ, desenvolvo junto com uma outra bolsista um projeto nomeado “Biblioteca Viva”, partindo deste fato, temos vivenciado desde o ano de 2011, o conhecimento, o ensino-aprendizagem através da arte. Utilizamos desenhos, debates, jogos, pinturas e arte coletiva como disparador de interesse, e aos poucos **estamos acompanhando a produção de conhecimento singular e plural de cada aluno**. Uns se desenvolvendo em algumas disciplinas como matemática, ciências e como cidadãos, sujeitos ativos do seu próprio conhecer, construindo e participando ativamente do processo ensino-aprendizagem que tanto se fala.*

(Rosane) *A importância da arte na relação de ensino aprendizagem, aprendi no seminário, cujo tema: **Desenho infantil: da importância das garatujas, que através dos rabiscos, a criança expressa a sua emoção, sendo o modo de como vê o mundo ao seu redor, adquirir a coordenação motora, sendo primordial para o desenvolvimento da escrita.***

(Sara Busquet) *Uma menina que **quando passou a se expressar pelos desenhos (da forma que queria, sem imposição, desenhando o que sentia), passou a conseguir escrever melhor o que pensa e o que aprendeu nos exercícios, redações, em (quase) todas as atividades propostas.***

(Suzanne) *A arte lecionada no ensino médio foi de grande contribuição para mim, pois **aprendi um pouco da história das artes em outras culturas e desenhos**, como por exemplo, desenhei no papel A4 uma flor com um carvão próprio para desenhar que a professora levou para a turma desenhar, foi muito divertido.*

6.4 Juntando as serragens

A disciplina Artes Visuais desenvolve várias possibilidades na sensibilidade, na expressividade, na criatividade e na solução de problemas, as serragens são de formas

diferentes e tamanhos variados; na arte se privilegia sempre diferença como na relação com a produção dos alunos que deixam suas marcas de forma pessoal. Reconhecer o potencial do aluno é uma descoberta mútua como no ensino/aprendizagem, pois como as serragens que tem o seu valor dependendo de sua utilidade na madeira, os alunos tem um potencial muitas vezes escondido, percebemos isso nos depoimentos seguintes.

(Aline) *A arte como um dispositivo disparador de aberturas para as experiências. Experiências ética-estética-políticas no território do pensamento. A arte provoca confecções de alargamento do olhar, das atitudes e dos planos de subjetividades produzidos no presente. **A disciplina de artes visuais, na nossa formação provoca assim como a arte, momentos de suspiros, tempos de produções autogestionárias no entre reprodução do saber acadêmico.** Em uma relação de ensino-aprendizagem, onde sujeito e o objeto se misturam como tintas diferentes na água, que depois do mergulho do pincel, as cores se compõem em outra. A arte mais do que qualquer outra fonte de conhecimento possibilita o inacabado, o novo, o que já estava ali e não era visto. Por sua força implicacional, que dá importância ao menor, ao invisível, ao que está no campo do sensível, no plano de imanência da vida. E se não soubéssemos quais eram as cores, anterior ao mergulho, se nunca tivéssemos visto elas, a transformação não seria o resultado e sim a cor original? Com essa inquietude, quero explicitar, que não se separa do aprendiz o mestre, nem do mestre o seu aprendiz. Afinal, quem está aprendendo nessa relação? A relação educacional não é dicotômica, nem unilateral, mas é preciso desnaturaliza-la. O conhecer e o fazer, nessa lógica minoritária, se transpassam dando desenho a uma estrutura não hierárquica, que foge do papel de quem sabe mais, pois a arte é quando. É algo em transição. Assim, no ensino da arte, as linhas que penetram e fazem transbordar, nos que se deixam envolver, o risco de não ser entendido, classificado, ou até mensurado, pela academia e outras formas formais de julgamento.*

(Amanda) *Fiz estágio num projeto social de uma ONG, tinha um menino de 6 anos que estava no primeiro ano e ainda aprendendo a ler e escrever. Ele tinha muita dificuldade com a leitura, apenas desenhava as letras, porém não conseguia ler e nem passar mensagem com o escrito por ele. **Ele então passou a fazer desenhos para representar o que ele tinha aprendido ou entendido nas rodas de leitura.***

(Ana Maria) *A arte é usada como uma forma de terapia, pois ela não tem regras e nem limites impostos, **o indivíduo é produtor de sua arte com sua originalidade.***

(Cinthya) *Quando eu trabalhava nas séries iniciais, em uma escola de Educação infantil em Niterói, tive a oportunidade de conhecer um projeto desenvolvido com as professoras e alunos sobre Portinari, e verifiquei através dos relatórios, atividades, e relatos das professoras que, através deste projeto perceberam que seus alunos de faixa etária de 3 a 6 anos, desenvolveram varias habilidades durante esse trabalho tais como, criatividade, noção espacial, coordenação motora fina mais aprimorada, sensibilidade, respeito e admiração na produção do outro, valorização do sua produção como arte.*

(Deusa) *Professor Rogério pediu um trabalho de colagem, que foi num momento muito difícil para eu executarTinha acabado de perder meu namorado para um AVC. MAS TINHA QUE ENTREGAR! Sem pretensão alguma acabei fazendo a colagem... O resultado estava relacionado ao que estava vivenciando: **saiu um trabalho tipo: corpo, alma, espaço, cosmo....**Fiquei surpreendida com o resultado! Aquilo saiu sem querer! Não pensei ...saiu! Foi fluindo ou flutuando pelos canais da mente. Constatei que na hora da produção artística não dá para ser consciente. Por quê?*

(Francine) *Em minha época de escola, as aulas de artes sempre eram muito divertidas e todos aguardavam ansiosos pela chegada da professora. Certa vez, ela nos pediu para fazer uma pintura que expressasse aquilo que estávamos sentindo naquele momento. Lembro que fiz algo bem colorido, porém meio indefinido, depois ela pediu para que explicássemos o que havíamos pintado. **Eu disse que minha pintura era um pouco de alegria, vida, luz, tudo que era bom.** Com isso aprendi a interpretar diferentes imagens.*

(Jéssica) *A importância da **arte para o nosso ensino aprendizagem é desconstrução da nossa realidade**, criando outras perspectivas de ver diferentes formas de arte.*

(Luna) *Uma situação na minha vida foi que eu quando pintava muitas das vezes o resultado do meu desenho ou da minha pintura era influenciado para sair um trabalho bom ou ruim, e o modo no qual fazia o mesmo, **ajudando a visualizar na percepção e na capacidade do aluno.***

(Mirian) *Eu tive uma experiência na escola que visitei, com as crianças da Educação Infantil. Eu trabalhei com pintura feita com cola colorida e tinta guache. **Pude observar que as***

crianças ficaram alucinadas e felizes. Lembrei muito das aulas que tive com o professor Rogério. Muitas de nós ao fazermos a disciplina de Arte, dissemos: pintar para que, nós não somos crianças. Mas quando nós nos deparamos com a situação acima, é que começamos a entender para que serve a disciplina. As crianças pedem para que desenhemos e pintemos, seja numa folha de papel ou no seu corpo. E aí, o que dizer quando você não sabe desenhar ou pintar?

(Rosimar) *A arte possibilita ao indivíduo criar, imaginar, experimentar e recriar. Mas, infelizmente, depoimento sobre a arte na relação ensino-aprendizagem não tenho. Sei que é de extrema importância o contato com as artes.*

(Rosemary) *A experiência que eu posso destacar é como aluna. A arte é para mim muito enriquecedora já que ela me proporciona uma sensação de liberdade, ela me envolve e me desperta para novas visões do mundo. Ela me faz viajar ao desenvolver os trabalhos propostos pelo professor.*

(Samuel) *Trabalhos com madeira e estudo da música no fundamental me fizeram respirar no ensino fundamental em meio a tantas disciplinas mais teóricas.*

(Sara Derizans) *Há pouco tempo atrás, em minha turma de Maternal, recebi uma aluna nova. Sua adaptação já seria um pouco complicada por já estarmos no segundo semestre, porém foi um pouco mais complicada do que eu pensava. Minha aluna nova trazia consigo uma mãe insegura e um pai, que já lhe dava o rótulo de autista. A mãe logo me disse que minha nova aluna não gostava de contato físico nem de se “sujar”, de maneira nenhuma. Passei um mês com a mãe em minha sala e tentando todas as alternativas para a criação de vínculos com a minha pequena, dinâmicas, brincadeiras, passeios e nada parecia dar muito resultado. Daí, tive uma ideia, pedi que a mãe desse uma volta na escola, pus um avental na minha aluninha, peguei uma cartolina e todas as cores de tinta imagináveis... No início ela ficou um pouquinho desconfiada, **mas pouco tempo depois, a cartolina virou um arco-íris e eu e ela também** ... No final, ela nem lembrava mais da mamãe, que quando retornou à sala levou um susto e ficou muito feliz. Nesse pequeno relato demonstro um pouquinho da importância da arte na criação de vínculos afetivos, que no decorrer do tempo, me ajudaram com a relação de ensino-aprendizagem com minha pequena aluna.*

(Vania) *Utilizar a arte na educação desperta o aprendizado, a ludicidade, a criatividade e a socialização entre os alunos. Pode ser aplicada em diferentes níveis de ensino. Na alfabetização a arte contribui para a leitura e a escrita através de pinturas, músicas, vídeos, etc.*

(Veronica) *Lembro-me da disciplina arte e ludicidade, no 1º Período. Fiz um trabalho em grupo sobre a arte indígena no período da colonização do Brasil. Aquela pesquisa me marcou muito, como se eu tivesse vivido naquela época. Até hoje guardo com carinho aquele trabalho. **Conseguí entender a arte por essa perspectiva histórica e não simplesmente desenhar e pintar.** Claro que os desenhos inspirados em grandes mestres da arte foram sensacionais.*

No desenvolvimento de uma proposta sempre acontece a preocupação com o verniz, é ele que vai motivar o aluno para a próxima proposta, a vencer os desafios, que o produto final tenha o brilho do verniz, o acabamento é uma característica importante na conclusão do trabalho, é nele que o aluno percebe o seu potencial criativo, as possibilidades de transferência de conhecimento para outras disciplinas, como espacial, composição em equilíbrio, o uso das cores e suas técnicas, tudo isso está relacionada com a pintura do verniz, a arte em muitos anos foi confundida como livre expressão sem conteúdo, comprometendo assim o seu valor como disciplina, com suas características próprias e contribuindo para o enriquecimento cognitivo do aluno.

Quando passo o verniz em uma madeira ele fica brilhando e reluzente, mas com o passar do tempo ele vai perdendo o seu brilho, a sua luz, vai descascando até ficar opaco, então tenho que passar novamente o verniz, outra vez, outra vez, outra vez...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

A presente pesquisa narra a minha experiência e a dos meus alunos de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Através do olhar dos alunos foram levantadas várias questões pertinentes sobre as aulas de Artes Visuais e sua importância na formação de professores.

Aproximou-se de algumas ideias na perspectiva das Artes Visuais, como Barbosa (1975) e sua proposta triangular: apreciação (leitura de imagens), fazer Artístico (releitura) e história da arte (movimentos artísticos e contexto histórico), como Lowenfeld (1977) com o estudo do desenvolvimento da capacidade criadora da criança, Duarte Jr. (2012) com a reflexão de uma educação que partisse da expressão de sentimentos e emoções, uma educação através da arte e Iavelberg (2003) com a preocupação de planejar atividades diferenciadas para os alunos. Com relação à temática da Formação de Professores, ancorou-se em Nóvoa (1991) para quem o trabalho docente diferencia-se como “conjunto de práticas”, tornando-se assunto de especialistas, que são chamadas a consagrar-lhe mais tempo energia. Em Tardif (2012) que entende que ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho, e sobre Experiência, com Larrosa (2001) que traz que a experiência requer, para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar e ainda sobre Criatividade com Novaes (1986) quando comenta que é necessário introduzir na educação a perspectiva criadora, tanto na inovação ou das formas de ensino, dos sistemas educacionais, como das técnicas de aprendizagem.

Algumas reflexões sobre a arte indicam a valorização da subjetividade do aluno, conforme as propostas metodológicas que favorecem o desenvolvimento estético dos alunos, quanto mais variado e aberto o conjunto de experiências, mais adequado será o ensino de arte,

como será enriquecedora a formação do aluno/professor quando se usa como estratégia de aula uma criação, revelando os contextos pessoais, profissionais, estéticos e intelectuais docentes.

Vimos que o olhar construtivo potencializa os processos de aprendizagem em sala de aula. O olhar começa no sujeito, na experiência que transforma e sensibiliza para novas realidades, misturando a inquietação com a ação docente, tudo isso favorece a energia inventiva do ensino de Artes Visuais e a relação ensino aprendizagem.

Esta pesquisa investiu em apontar os aspectos mais relevantes da disciplina de Artes Visuais para os alunos de Pedagogia da FFP/UERJ e sua relevância na formação docente. A experiência do convívio com a arte foi observada positivamente nas respostas dos questionários, na sensação de liberdade e de variações de novas visões de mundo, trabalhar com arte faz o sujeito respirar e tomar fôlego para um novo caminhar. A pesquisa demonstrou que a criação de trabalhos artísticos abrange uma variedade de linguagens e técnicas, desenvolvendo uma parceria e cumplicidade entre professor e aluno, propiciando contextualizações e experiências para ambos.

Os questionários apontaram para várias questões no ensino de Arte como elemento integrador entre as disciplinas, facilitando a aprendizagem. O/a aluno/a que através de seus desenhos pede ajuda ao professor, de seus problemas pessoais ou de relacionamento, mostrando-se e dialogando só graficamente tem oportunidade de se abrir para outros conhecimentos de si e de conteúdos construídos nas aulas.

O conhecimento sobre vários artistas, assim, é desenvolvido através de releituras de suas obras ou de livros didáticos que mostram as suas biografias e características de seu processo criativo; outro processo importante são os projetos escolares que envolvem um artista ou um movimento artístico fazendo a integração entre as disciplinas daquela série. A aquisição de habilidades técnicas acontece através de vivências constantes e pela diversidade de propostas desenvolvidas que valorizam a autoestima do aluno.

Acreditamos, a partir da vivência da pesquisa, que o estímulo visual desenvolvido nas aulas de Arte favorece a concentração nas outras disciplinas do currículo. O processo de compreensão das obras de arte acontece pelo debate e as observações feitas com relação ao momento histórico e a reflexão sobre as características de estilo do artista. O trabalho coletivo em propostas de Arte é um disparador de interesses, pois desenvolve o conhecimento singular e plural na construção do conhecimento. O conhecimento de outras culturas, através da pesquisa desenvolvida nos espaços de salas de aula de Arte, seduz o aluno a investigar a história da arte, propiciando o conhecimento social e político de vários momentos históricos.

Enfim, afirmamos que a Arte proporciona a sensação de liberdade, estimulando a imaginação e rompendo com as amarras dos planejamentos e dos currículos rígidos.

Como recomendação, a partir da pesquisa, trazemos que o ensino de Artes Visuais nas séries iniciais deve ter uma atenção cuidadosa, porque se não pode ser direcionado apenas para a técnica em si ou para o fazer livre sobre um tema. A pesquisa indicou a necessidade do desenvolvimento de fundamentação teórica e prática com relação ao ensino de Artes Visuais para as crianças, aliando uma coerência do conhecimento em arte à capacidade cognitiva e às demais características da infância. Daí a importância desse ensino no processo de formação do professores de Artes Visuais e para os Pedagogos deve oportunizar o questionamento, reelaboração e o *gatilho* para ultrapassar antigas convicções que promovam o debate sobre as questões de arte e a formação docente.

Finalizando, a concepção de Artes Visuais no currículo de Pedagogia da FFP/UERJ despertou o interesse para essa pesquisa. As questões que explicassem a importância do seu ensino foram amplamente respondidas nos questionários, explicitando várias dúvidas sobre sua valorização e interferência na formação docente, constituindo sujeitos provocadores de uma nova realidade no ensino, estabelecendo uma preocupação constante com o aperfeiçoamento profissional; podemos afirmar que o ser humano nunca está *inaugurado* sempre existirá um novo aprendizado a ser conquistado, contribuindo para o desenvolvimento de novos projetos.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Edith. Sob uma nova cultura. *Revista Educação UOL*, São Paulo, jun. 2013, 18 parágrafos. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/194/sob-uma-nova-cultura-290267-1.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: _____. GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *O Sentido da Escola*. 5. ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

_____. OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de Escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004, Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BORGES, Fabrícia Teixeira; LINHARES, Ronaldo Nunes. Imagem e narrativa: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas. *Revista Educação em Questão*, Natal, v.33, n.19, p. 128-149, set./dez. 2008.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Vol. 6 (1ª a 4ª série). Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p.

BUENO, Luciana Estevam Barone. **Linguagem das artes visuais**. Curitiba: Ibpex, 2008.

CARVALHO, Carla. BUFREM, Leilah. Arte como conhecimento/saber sensível na formação de professores. In: SCHLINDWEIN, Luciane Maria; SIRGADO. Angel Pino (Orgs.). **Estética e Pesquisa**. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2006. Coleção – Plurais Educacionais 2.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético**. São Paulo: Moderna, 2002.

DAMIS, O. T. Didática e sociedade: o conteúdo implícito no ato de ensinar. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FONTOURA, Helena Amaral da. Analisando dados qualitativos através da tematização. In: _____. (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011. Coleção "Educação e Vida Nacional.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: IBRASA, 1978.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência**. Meio Digital. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado em UNICAMP/SP, 17 a 20 de julho de 2001.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: processos de apropriação/ fruição e de produção/criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. (org.). **Educação e Arte: linguagens artísticas na formação humana**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011. Coleção Ágere.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da criatividade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 1983 e 1986.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor: o passado e o presente do professor**. Lisboa/Portugal: Porto Editora, 1991.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

READ, Herbert. **A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte**. São Paulo: Summus, 1986..

SOUZA, Alcidio Mafra de. **Artes Plásticas na Escola**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1970.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2012.

APÊNDICE – Roteiro do Questionário

Roteiro do Questionário

- 1) O que a arte representa para você como professor?

- 2) Que habilidades indispensáveis para a construção do conhecimento a arte desenvolve?

- 3) Quais as contribuições da disciplina de Artes Visuais para sua formação como professor?

- 4) Descreva alguma situação vivida por você ou que você tenha conhecimento relacionada à importância da arte na relação de ensino-aprendizagem.